Anno IV — Rio de Janeiro — Sabbado, 31 de Outubro de 1914 — N. 1.024

Edição Especial

A NOITE

Edição Especial

ASSIGNATURAS — Por anno 22$000 — Por semestre 12$000 — NUMERO AVULSO 100 RS.

Redacção, Largo da Carioca, 14, sobrado — Officinas, rua Julio Cesar (Carmo), 31

TELEPHONES: REDACÇÃO, 823, 3285 e OFFICIAL — OFFICINAS, 852 e 5284

ASSIGNATURAS — Por anno 22$000 — Por semestre 12$000 — NUMERO AVULSO 100 RS.

OITO MEZES DE SITIO!!

O FIM DO SITIO

ALLELUIA! ALLELUIA!

...ERA UMA VEZ UM PRESIDENTE...

A liberdade é tão agradavel que não quizemos esperar mais algumas horas para retomar a posse das garantias que a Constituição nos outorga e resolvemos imprimir esta edição um minuto, um minuto apenas depois de esgotado o prazo de sete mezes e vinte e seis dias que durou o maior estado de sitio havido no Brasil e talvez no mundo inteiro, exceptuados, é claro, os casos de guerra.

A' meia-noite e um minuto, pois, a machina d'A NOITE deve começar a mover-se para imprimir esta edição especial, em que incluimos quasi um terço dos artigos, das noticias e das gravuras que a censura policial impediu fossem divulgados durante esse tão longo periodo. O resto virá depois, aos poucos, para não causar grande fadiga. E isso demonstrará ao Sr. presidente da Republica, ou aos cavalheiros que lh'a insinuaram, a inefficacia da medida posta em pratica, com enorme sacrificio dos interesses nacionaes, para impedir que a imprensa denunciasse e commentasse os polpudos escandalos que pontilham o quadriennio a findar a 15 de novembro. O mais que se conseguiu foi retardar a acção jornalistica, que, apezar de excessos que reconhecemos, mas que não são sinão um reflexo do descalabro em que caimos, é um dos raros symptomas de vida politica que o Brasil ainda apresenta.

E, pois que só para nos forçar ao silencio foi, sinão feito, pelo menos prorogado o sitio que hoje termina, mais que justificadas estão as apprehensões do governo e dos seus amigos, que nos esperam ver furibundos, a vomitar injurias e doestos, indo ás ultimas violencias de linguagem para exercer uma vingança que lhes parece inevitavel.

Pela nossa parte, enganam-se um pouco. Nem os soffrimentos que curtimos, nem o nosso amor á liberdade, nem as ameaças insistentes e ferozes que nos têm chegado aos ouvidos, nos perturbam a serena imparcialidade com que nos habituámos a criticar os actos do poder. E é serenamente, e é imparcialmente que affirmamos ao Sr. presidente da Republica que o nosso bom povo, soffredor resignado, não o odeia: porque não ha odio, não ha indignação que sobreviva ao ridiculo, quando este ataca um homem publico, por mais graduada que seja a posição que occupa. Foi isso que aconteceu e S. Ex. não se póde queixar sinão das contingencias fataes creadas pela aventura politica de que S. Ex. foi ao mesmo tempo heróe e victima.

Si o Sr. presidente conseguisse o dom da invisibilidade e viesse, usando delle, para as rodas da Avenida, veria que não são só os do "outro lado", mas muitos dos seus proprios amigos, dos mais devotados e queridos, dos que mais assiduamente o têm cortejado e gabado as graças divinas, que vêm para as esquinas proclamar a sua irresponsabilidade integral, quer nos bons, quer nos máos actos, catalogando-o naquella especie de gente sobre quem Virgilio dava ao autor do "Inferno" o conselho de "non ragionar di lor, ma guarda e passa".

Por seu lado, ao publico não custou inteirar-se dessa grande verdade; e, quanto mais S. Ex. tem querido assumir ares de tragedia, mais tem augmentado a hilaridade publica. A um artigo virulento, esse bom povo, soffredor resignado, prefere as boas piadas, e ha c[illegible] uma excellente. Ao menos soffre, mas ri, o que, aliás, é um dos poucos direitos que ainda lhe restam, por não haver estado de sitio que o suspenda. E, não fosse o dever, que sentimos e a cujo cumprimento não desejamos escapar, de deixar em letra de fórma o que reputamos um bom contingente para o estudo historico deste periodo, cederiamos o nosso logar, de bom grado, a quatro ou cinco caricaturistas, e iriamos rir com o publico.

Porque, apezar de tudo, temos esperanças de ver a nossa querida patria reentrar nos bons eixos. As feridas foram, é certo, muito fundas e combaliram demasiado a nação; mas é justo confiar na juventude e na fortaleza do organismo em perigo e aguardar tranquillamente a longa convalescença. Quando esta terminar, quando a vida economica, a vida financeira e a vida administrativa do paiz se integrarem na normalidade, apagados os sulcos profundos deixados por uma longa série de escandalos, então sim, então é que deste periodo não restará sinão a mais hilariante das lembranças.

— Era uma vez um presidente...

Os officiaes presos nos primeiros dias do sitio

Dia 5

General de divisão Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, fortaleza de São João; general de divisão, graduado, Feliciano Mendes de Moraes, fortaleza de São João; tenente-coronel Antonio Mendes de Moraes, 3.º regimento de infantaria; coronel Coriolano de Carvalho e Silva, 3.º regimento de infantaria; major Paulo José de Oliveira, 1.º regimento de cavallaria, transferido para São João em 13; capitão Mario Clementino de Carvalho, Santa Cruz; 1.º tenente João Propicio Carneiro da Fontoura, 3.º regimento de infantaria, transferido para o 1.º de cavallaria em 6 e transferido para São João em 13.

Dia 6

Aspirante Hildeberto de Albuquerque, Santa Cruz; aspirante Catulo Pií de Andrade, Santa Cruz.

Dia 7

1.º tenente Elino Souto, 3.º regimento de infantaria.

Dia 10

Capitão Joaquim Vieira Ferreira Sobrinho, 3.º regimento de infantaria.

O sitio no Cattete

Aspectos do palacio na noite tragi-comica

Os antecedentes do decreto

Os innumeros e extravagantissimos boatos, que circulavam já de longas semanas, nesse dia tiveram maiores proporções.

O palacio do Cattete amanhecera desde logo com movimento desusado que já prenunciava algo de anormal passado ou a realisar-se.

Os politicos cearenses da facção contraria ao governo do coronel Franco Rabello, que então não abandonavam os corredores do palacio do governo dia e noite, já estavam já rentes á espera do momento em que o Sr. Pinheiro Machado lhes annunciaria a realisação do seu ambicionado plano da deposição do governo legal do seu infeliz Estado.

As conferencias desde cedo se multiplicavam e o celebre salão de despachos do Cattete, onde se fizeram e desfizeram governos nesse desgraçado quatriennio marechalicio, não se viu um só momento desoccupado.

Quando não eram os ministros que falavam ao presidente, era o Sr. Pinheiro Machado, era o Sr. Thomaz Cavalcanti, de braço á tipoia ainda, para provocar commiseração dos chefões; era o Sr. Pedro Borges, o Sr. Frederico Borges e tantos outros oligarchas, que pareciam urubu's em torno da carniça.

A atmosphera do Cattete estava, nesse dia, mais que nunca, irrespiravel.

Não era propriamente de prazer a sensação que se tinha ao vêr todo aquelle reboliço de cortezãos.

Sabe-se, no Cattete, da reunião que se devia realisar á noite no Club Militar

A' tarde já S. Ex. estava informado de que a reunião que a maioria dos officiaes da guarnição pretendia realizar nesse dia no Club Militar, teria mesmo logar.

Já os alviçareiros lhe tinham ido communicar que nessa noite ás 20 horas, quizesse ou não quizesse o governo, uma grande reunião de militares teria logar no Club Militar e que della sairia uma moção de applauso ao acto dos officiaes de Fortaleza negando-se a cumprir ordens de uma passividade que o governo exigia delles deante do ataque dos fanaticos a Fortaleza.

Por isso, logo ao despacho collectivo, ficou combinado que os ministros voltassem a palacio para uma reunião ás 20 horas.

A noite do sitio no Cattete

No palacio do Cattete continuava o movimento do dia.

Com o seu portão principal fechado, o palacio, porém, se achava amplamente illuminado. As casas civil e militar da presidencia estavam a postos, assim como a reportagem do Cattete, que não abandonara esse dia o [illegible].

Enquanto [illegible]ephones e campainhas transmittiam or[illegible] faziam chamados, os continuos e soldados, que servem no Cattete, iam e vinham a conduzir cartas.

Eram 20 horas.

Já quasi todos os ministros se encontravam no salão dos despachos, assim como outros membros do governo e um grupo de officiaes, que não se fartavam de arrotar valentia e demonstrar a sua lealdade ao marechal.

Faziam parte desse grupo os coroneis Abilio de Noronha e Odyllo Bacellar, que a todo momento saiam levando ordens, como os continuos, e trazendo, soffregamente, as respostas.

Todos os militares estão á paizana

Um facto, muito notado pelo pessoal do Cattete, foi o de que tanto os ministros e autoridades militares como os officiaes, que iam demonstrar a sua solidariedade ao chefe da Nação, estavam á paizana.

Isso causou pessimo effeito em palacio e o governo chegou a ter medo...

Vae começar a "Inana"

Estava o Cattete movi[illegible]tadissimo, mas, forçoso é dizer, ainda não sobresaltado.

Eis que chega aos empurrões e ás carreiras um grupo de uns quinze tenentes e aspirantes tendo á frente o celebre coronel Pantaleão Telles de Queiroz, o bombardeador de Manáos, e o seu tambem não menos conhecido sobrinho, capitão Pantaleão do mesmo nome.

Iam todos agitados, pallidos, muito offegantes, quasi sem poder balbuciar palavras. Iam, como era natural acontecer aos amigos do governo nesse dia, á paizana, tambem.

Depois de terem por varias vezes o seu caminho impedido ora por um soldado ora por um continuo, chegaram elles a antesala do salão de despachos, donde depois de uma pequenina espera foram introduzidos nesse salão, em que o presidente os aguardava ancioso.

A que iam tão pressurosamente aquelles officiaes paisanos?

Apenas isso: narrarem entre engrossamentos e indignação estudada contra os outros seus collegas o que fôra o principio da sessão do Club Militar, que não conseguira ir avante devido á intervenção dos officiaes mandados pelo Cattete e gabinetes do ministro e das altas autoridades da Guerra com esse determinado fim.

— A revolução está na rua! Era o que esses canalhas civilistas queriam! — dizia o celeberrimo coronel Pantaleão Telles, apoiado por apartes do seu sobrinho e com o assentimento que lhes davam com a sua mudez subserviente os que acompanhavam esses dous patriotas.

Apezar de tudo, porém, esses devotados amigos do governo sairam do Cattete minutos após entre risos zombeteiros dos continuos e olhares de nojo dos politicos que lá estavam...

Outro que via revolução na rua

Mal acabara de saír do palacio do Cattete o grupo terrorista do coronel Pantaleão, chegou o ajudante de ordens do general Souza Aguiar, commandante da nona região, e que fôra mandado para o Club Militar a fazer barulho.

A' entrada do esqualido tenente no Cattete houve quem lhe tivesse dó.

— Para que mandam um rapaz desses, franzino, visivelmente fraco, para uma empresa destas? — dizia, num grupo ao lado, um alto pesonagem da situação.

Mas, qual! O rapaz não era merecedor dessa compaixão, pois que, falando ao telephone para o seu chefe, o general Souza Aguiar, que se achava naquelle momento em casa, elle dava a entender, apezar de sua grande excitação e pallidez, ter feito cousas do arco da velha: partira mesas, rasgara livros, esmurrou superiores seus, quasi matou o marechal Menna Barreto... e otras cositas más...

E depois de tudo isso o tenente Raul Faria bebeu um copito dagua e foi-se...

O governo providencia

Deante dos acontecimentos, que tomavam proporções as mais colossaes, á medida que chegava um coronel Pantaleão ou um tenente Faria, o governo precisava pôr em pratica as medidas que já estavam idealisadas ha muito tempo, principalmente as que diziam respeito á prisão dos seus adversarios politicos.

Nos corredores do palacio

Era interessante assistir-se ao que se se passava nos corredores do palacio do governo, ouvir-se o que se falava nos varios grupinhos que se formavam alí de instante a instante. Cada qual que era mais hermista, mais dedicado ao general Pinheiro, e muito mais inimigo do senador Ruy Barbosa e todos os seus partidarios.

E enquanto se passava isso nos corredores, graves medidas eram tomadas no salão de despachos, onde estava reunido, com o presidente e o senador Pinheiro á frente todo o ministerio.

A missão do coronel Abilio na noite do sitio

Foi nessa noite quem teve, parece-nos, mais trabalho, o coronel Abilio de Noronha, commandante do 3º regimento de infantaria, que estava a serviço particular do Cattete desde cedo.

E o activo official não descansava: a todo momento elle ia ao telephone, á rua, levando e trazendo recados.

Finalmente, foi-lhe dada uma ordem de mais importancia: a prisão do coronel Coriolano de Carvalho, que tinha sido aspirante á governança do Piauhy, na época da salvação.

Foi um salceiro! O coronel Abilio, offegante, muito suado, corria para todos os lados á procura de quem soubesse da morada do seu collega de posto, para dar desempenho cabal á sua espinhosa missão.

Todos a ignoravam.

Nem as autoridades da Guerra, nem pessoa alguma de palacio sabia da residencia do coronel Coriolano, o que fez com que o ardor policial do coronel Abilio se refeasse, por aquella noite, pelo menos.

O palacio do Cattete vae-se tornando aos poucos uma praça de guerra

Ao tempo em que se davam e executavam varias ordens, a casa militar da presidencia providenciava afim de garantir a pessoa do seu chefe e, naturalmente, a sua propria.

Em pouco tempo o Cattete assemelhava-se á uma praça de guerra.

Basta dizer que só nos jardins de palacio antes das 21 e meia horas se encontravam bem armados e municiados uma companhia de guerra e um esquadrão do Exercito e uma numerosa força de marinheiros nacionaes, que tinham desembarcado pela ponte do Flamengo, que se achava tambem guarnecida e vigiada pelos navios da esquadra.

E, note-se, havia ainda no Cattete a guarda permanente do Exercito, que egualmente estava preparada para qualquer emergencia.

Pelo que se vê que o governo, apezar de tudo, tinha medo...

O sitio é decretado

Tarde, quasi á uma hora da manhã o deputado Fonseca Hermes, que assistira á todas as reuniões do dia, em conversa gentil com os jornalistas que trabalham no Cattete annunciava a providencia maxima do governo, isto é, a decretação do estado de sitio, para a capital, Nictheroy, Petropolis e Estado do Ceará.

Um pouco depois apparecia o ministro Ulasdilão de Freitas, mastigando um comprido charuto, de «smoking», como quem ainda ia para as pensões «chics», muito suas conhecidas, e que entre as suas pilherias costumeiras (sem graça por signal) confirmou o que já havia declarado o «leader» da Camara dos Deputados.

Estava decretado o sitio.

A GENEROSIDADE OFFICIAL

E foi assim que se commemorou a descoberta da America...

A policia invadiu uma legação estrangeira

O jardim da legação — Os guardas civis chegaram até junto á grade que ahi se vê

Dous jornalistas que exercem a sua actividade nesta folha, os Srs. Irineu Marinho, seu principal director, e Dr. Mauricio de Medeiros, redactor, julgaram dever escapar á furia dos perdigueiros governamentaes. Prevenidos a tempo por amigos dedicados, abandonaram as suas residencias, onde, minutos após, foram ter os secretas da policia. A principio buscaram refugio em casa de amigos. Mas, como cada vez mais encarniçados se mostrassem os beleguins, resolveram ambos burlar de uma vez os impetos do governo pedindo asylo a uma legação estrangeira. Foi escolhida a Argentina, por diversas razões poderosas, que não vêm aqui a pelo explicar. Uma vez na legação, á sombra de um pavilhão estrangeiro, protegidos pelas leis e praxes internacionaes, julgaram-se os jornalistas a coberto de qualquer surpresa. Assim devia ser. Mas assim não foi. Vejamos como.

Já alguns dias durava o asylo quando, a 15 de março, em um domingo, percebeu-se desde a manhã que a vigilancia era mais apertada do que nunca. Aos guardas civis, em numero de tres, que habitualmente faziam ronda aos perigosissimos revolucionarios, juntaram-se nessa manhã mais tres ou quatro e bem assim uns cinco sujeitos á paizana, que pelos modos eram muit obons agentes de policia. Toda essa gente parecia ter ordens muito severas acerca dos asylados. Parecia, pelas constantes confabulações que tinham, pelos constantes olhares que fixavam para o edificio da legação e, sobretudo, pela frequencia com que interpellavam as pessoas que entravam ou saiam do territorio que, por uma ficção diplomatica respeitada por todos e em todos os paizes, era considerado estrangeiro.

O receio fundamentado de uma violencia era tamanho que o proprio jardineiro da legação não se sentiu garantido contra ella sem um salvo-conducto, que lhe permitisse transitar livremente para ir ao telegrapho levar os despachos officiaes... E alguns cavalheiros que procuraram, por diversos motivos, a legação, tiveram de explicar-se meudamente com o pessoal da policia, que das cercanias não arredava pé.

Mas o dia se ia passando sem maior novidade. O edificio, ausentes os operarios que executavam umas obras, permanecia na maior quietação, quando, por volta de tres horas da tarde, eis que o grupo se approxima rapidamente do portão.

Tres dos guardas civis fardados e armados de revolveres, que bem se lobrigavam por debaixo das blusas, chegam-se mais e hesitam. Conversam baixo. Mas a cousa estava firmemente preparada e um dos que se achavam á paizana, e que parecia ter o commando da tropa, lhes ordenou, resoluto:

— Vamos, entrem!

E os tres entraram!

Era tal o absurdo do attentado, que, ao principio, recusavamos dar credito ao que os nossos olhos viam. Mas os guardas avançam. O jardineiro acode, travando-se então o seguinte dialogo entre o solicito empregado e um dos zelosos [illegible] da policia, o que mais exaltado se mostrava:

— Que querem aqui?

— Não temos que lhe dar satisfações.

— Mas os senhores não podem penetrar em uma legação estrangeira!

— Ora... deixe-se de conversas.

— Perdão. Quem manda aqui é o Sr. ministro.

— O ministro manda na terra delle e nós mandamos na nossa!

E enquanto estas interessantes palavras eram proferidas, com acompanhamento dos mais expressivos gestos, que fizeram ao pobre jardineiro perceber a gravidade da situação, os guardas avançavam com bamboleios de corpo, gingando, com ares de quem não estava disposto a outras explicações...

Mas o jardineiro, por um lado, e por outro um dos asylados, que, de uma varanda, tivera occasião de apreciar a scena, communicaram ao Sr. 1º secretario da legação o que se estava passando e o Dr. Gayan tivera tempo de sair para o jardim, ao encontro dos invasores. O Dr. Gayan procedeu como devia proceder, expulsou os guardas com toda a energia. Elles ainda quizeram demorar o cumprimento da ordem de retirada, que lhes era dada. Um estava mesmo em attitude evidentemente aggressiva, levando frequentemente a mão ao bolso do revolver. Mas, dominados pela energia do Sr. 1º secretario, que, além do mais, é um homem robusto, sairam balbuciando umas desculpas...

No dia seguinte, appareceram as explicações, que o Sr. ministro argentino não podia deixar de receber como boas. Explicou-se que os guardas tinham sido victimas de sua ignorancia. Destacados para a vigilancia da legação durante a noite, a pedido mesmo do ministro, suppuzeram que deviam apresentar-se a S. Ex., e por isso ha[illegible] penetrado no jardim... A falta de outra, essa justificativa serviu e serviu. Mas a verdade é que não só até então a tal guarda nunca apparecera, e a reclamação do ministro fôra feita dous ou tres mezes antes, como a attitude arrogante dos guardas e [illegible] scenas incidentes já acima narrados, de[illegible]entem essa versão.

Emfim, tudo está direito [illegible] bem acaba. Dadas as explicações, [illegible] um incidente diplomatico que po[illegible] [illegible] [illegible] guardas [illegible] ca mais julgaram que deviam apresentar-se...

O Sr. Hermes perdeu a ilha da Francisca!

S. Ex. foi victima de um formidavel logro

As minucias desse escandaloso caso

O Sr. presidente da Republica foi, infelizmente, victima de um ardiloso «conto do vigario» com essa historia da ilha da Francisca.

Todos nos lembramos ainda, como si fosse hoje. Foi em novembro de 1912.

O Sr. coronel Honorio Lima, amigo de infancia do Sr. marechal Hermes e chefe politico em Angra dos Reis, foi, em certo dia,

A pittoresca ilha que foi dada ao marechal, sem que, pertencesse ao offertante...

sabedor de que o Sr. presidente da Republica, de passagem por aquella cidade sulfluminense, ficara muito encantado, deante da ilha Celsiana, antiga da Francisca. E para commemorar a visita do seu velho amigo e camarada, o Sr. coronel Honorio teve uma bella inspiração: cheio de justo orgulho, fez presente da pittoresca propriedade ao chefe da nação, que, immediatamente lá mandou levantar um invejavel palacete, de cuja construcção solicitamente se encarregaram os Srs. Leopoldo Cunha, Frontin & C..

A nova «propriedade» então do Sr. marechal Hermes, a todos causava real admiração pelas redondezas, e os muitos forasteiros curiosos, que tiveram occasião de contornar a propriedade presidencial, achavam-na, de facto, um mimo que aliava á sua riqueza e á sua distincção um tom agradavelmente pittoresco.

A ilha Francisca brilhava ostentosamente, com seu palacete cor de ouro, ali na enseada de Angra andrajosa!

Pois bem: o Sr. Hermes não é mais o proprietario daquella joia!

Depois de já edificada por S. Ex. e só agora, poucos mezes após ter sido a ilha transferida para o nome de sua Exma. esposa, foi o «conto» descoberto, em toda a sua extensão.

A antiga ilha da Francisca, depois ilha Celsiana, como se sabe, entrou na hypotheca com que o Sr. Honorio de Lima, em 1895, conseguiu de Oliveira Gallindo & C., em dinheiro e generos, um emprestimo de 12 contos annuaes, até 31 de dezembro de 1897.

Faziam parte dessa hypotheca os seguintes bens: duas immoveis, na rua Arcebispo Santos n. 27 e na rua São Bernardino; Celsiana (antiga Francisca); Miramar, (antiga das Cavallas); Conceição de Bracuhy, Camiranga e Celsiana do Rio Pequeno...

Quando o Sr. Honorio resolveu doar a ilha ao Sr. marechal, pretendeu antes resgatal-a da hypotheca. O Sr. Antonio Gallindo havia já fallecido, ficando os seus negocios sob a guarda do Sr. Antonio Gallindo, seu filho. Então o Sr. Honorio entregou a este 120 acções da Companhia Mercado Municipal.

O Sr. Gallindo, ou porque desconfiasse da origem das acções, ou porque não entendesse bem aquelle systema de liquidar dividas, passou apenas o recibo mais ou menos nestes termos: «Recebi do Sr. F., 120 acções da Companhia tal para resgate da ilha Francisca da hypotheca tal; deixando para dar a respectiva quitação opportunamente.»

O Sr. Honorio, muito satisfeito, entregou a formosa propriedade ao seu velho camarada, o Sr. presidente da Republica.

O Sr. Gallindo assistiu a tudo impassivel.

O novo proprietario da ilha Francisca mandou ali edificar o bello palacete que conhecemos.

O Sr. Frontin concorreu com o material para a construcção; o Sr. Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha, offereceu logo os seus rebocadores para transporte desse material, de operarios, etc. O constructor, propriamente dito, foi o Sr. Leopoldo Cunha, que trabalhou como um gigante!

Os operarios eram pagos pela verba da Estrada de Ferro Central do Brasil, cujo director, como se sabe, é um dos devotados amigos do Sr. Hermes. Este, logo que voltou a Angra e vendo já quasi prompto o palacete, cheio de justo enthusiasmo, concitou os seus amigos para que continuassem a obra com afinco, entregando, por essa occasião, ao Sr. Leopoldo Cunha a quantia de 16 contos de réis, correspondentes á primeira prestação de sua divida referente á construcção do palacete. Em breve, a mobilia presidencial, levada até lá pelo rebocador «Lauirdo Pitta», da marinha de guerra nacional, enchia de vida o palacete da ilha Francisca.

Estava tudo quasi prompto.

A agua foi encanada da Tapera e para a luz construiu-se um gazometro.

Ha cousa de tres mezes o Sr. presidente da Republica pediu ao Sr. Honorio fizesse a transferencia da sua propriedade para o nome da sua Exma. esposa, dando áquella confortavel vivenda o nome de «Ilha Nair». Assim foi feito.

No dia 1.º de junho, S. Ex. o Sr. presidente foi á Tapera inaugurar a Escola Naval.

Aproveitando o ensejo, entregou ao Sr. Honorio, doador, uma petição para o effeito de ser registrada em Angra dos Reis a transferencia da ilha Francisca para o nome da Exma. esposa. A letra dessa petição era indiscutivelmente feminina, emquanto que a assignatura era do Sr. Hermes. Nos «caracteristicos» da propriedade diz assim: «Uma ilha, cercada de agua por todos os lados, com um chalet, etc.»

Mas o tabellião de Angra não poude fazer o registro porque faltava a certidão negativa, isto é, não havia documento algum que provasse estar a propriedade livre e desembaraçada.

Agora a decepção.

Foi descoberto, em todos os seus episodios, com todos os seus requintes de perversidade, o grande logro em que caiu S. Ex. o Sr. presidente da Republica, marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

As acções da Companhia do Mercado Municipal, com que o Sr. Honorio Lima quiz fazer o resgate da ilha Nair, caíão em litigio, por mandado do juiz seccional da primeira vara do Districto Federal, de 6 de janeiro de 1911, contra D. D. Maria Pereira e Souza, Candida Dias Pereira e Souza, Pedro Leandro Lambert, CORONEL HONORIO LIMA e Dr. Joaquim Alves da Silva.

Essa pendencia vem desde 1906, a requerimento do visconde de Arcozello e depois de seus herdeiros, contra os herdeiros do Dr. Nuno Alvaro Pereira e Souza, nos bens penhorados na liquidação da firma Alencar, Lambert & C., São ellas em numero de 4.283, afóra 160 debentures. As acções são de numeros seguintes:

10.051 a 13.050, 20.551 a 21.550, 23.251 a 23.350, 23.801 a 23.900, 24.076 a 24.100, 24.701 a 24.810, 24.906 a 24.930, 24.998 a 25.000.

Dessa procedencia são as acções com que o Sr. Honorio pretendia, agora, resgatar a ilha da Francisca da hypotheca.

Como se explica tudo isso? O caso é embrulhadissimo.

Dizem em Angra que Candida, filha de Maria Pereira de Souza e afilhada do Sr. Honorio, logo que morreu sua progenitora, ficou sendo herdeira de 1.000 acções da Companhia Mercado Municipal. O Sr. Honorio então constituiu-se tutor de Candida e taes transacções fez, que se apoderou, não se sabe como, daquelles titulos, dentre os quaes tirou 120 para o tal resgate da ilha Francisca.

O Sr. Gallindo, quando soube do «imbroglio», exclamou contente: —Ah! bem fiz eu quando recusei passar a quitação pedida! E mais que depressa, fez incluir a antiga ilha da «Francisca», depois «Celsiana» e hoje «Nair», no inventario dos bens do seu fallecido pae, cujos herdeiros são em numero de 11!

O Sr. Honorio Lima eclipsou-se de Angra, desapontado, tomando passagem para a sua fazenda em Paraty.

Antes, porém, de partir, mostrou a todos em Angra, uma carta que diz ter recebido do Sr. presidente da Republica, e mais ou menos nos seguintes termos: «Amigo Honorio antigo camarada de infancia, veterano do Paraguay. Além dos meus obsequios por que lhe sou grato, destóme a ilha da Francisca. Hoje, porém, devolvo-a a Você já edificada.»

Será ella apocrypha?

Assim que correram em Angra dos Reis os primeiros «zuns-zuns» sobre esse caso, dirigimo-nos ao cartorio da cidade, que nos forneceu as seguintes certidões — uma sobre a hypotheca e outra provando não estar a mesma extincta e cancellada.

Ei-las na integra:

«João Jorge de Andrade, serventuario interino do Segundo Officio de Justiça neste Municipio de Angra dos Reis e official interino do Registro Geral da Comarca do mesmo nome. Certifico que do livro numero dous, de inscripção especial á pagina cento e oitenta e oito, consta a inscripção hypothecaria do teor seguinte — Numero de ordem — Tresentos — Data seis de maio de mil oitocentos e noventa e cinco — Nome, domicilio, profissão do credor — Oliveira Gallindo & C., moradores nesta cidade de Angra dos Reis, negociantes — Nome, domicilio, profissão do devedor — Honorio Lima e sua mulher Maria Candida Dias Lima, moradores na Freguezia da Ribeira, fazendeiros — Titulo, data e Tabellião, que o fez — Escriptura publica de dezoito de abril de mil oitocentos e noventa e cinco — Tabellião — Francisco Teixeira de Carvalho — Valor ou estimação do credito — Doze contos de réis annuaes, suppridos em dinheiro e generos. — E'poca do vencimento — Primeiro de janeiro de mil oitocentos e noventa e oito — Juros estipulados — Dez por cento ao anno — Freguezia do immovel — Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis, Nossa Senhora da Conceição da Ribeira, Santa Anna da Ilha Grande e Nossa Senhora dos Remedios de Paraty — Denominação ou rua e numero do immovel — Rua do Arcebispo Santos, (antiga da Cadeia) numero vinte e sete. Rua de São Bernardino. Celsiana (antiga Francisca), Miramar (antiga das Cavallas). Conceição de Bracuhy. Camiranga. Celsiana, no Rio Pequeno. — Caracteristico do immovel — Rua Arcebispo Santos. Um sobrado por concluir, com cinco portas de frente, e fundos para o mar, dividindo de um lado com casas do capitão Manoel Antonio Rodrigues da Silva, e do outro, com o sobrado do barão de Gugueiros. — Rua São Bernardino — Um terreno com dezoito metros e seis decimetros de frente, com fundos até o rio do Chôro, onde outr'ora teve horta o capitão José de Souza Lima — Celsiana — uma ilha antigamente denominada da Francisca, na bahia em frente á cidade de Angra dos Reis — Miramar — Uma ilha, antiga das Caravellas, na bahia da Ribeira — Conceição do Bracuhy — Uma situação confinada, de um lado e outro lado, com terras do Engenho Central e fundos até a mais alta serra do Mar, com casa de vivenda. — Camiranga — Uma situação que foi de Candido Bazilio da Nobrega, e houve por escriptura de compra, de sete de janeiro de mil oitocentos e noventa e cinco — Celsiana, no Rio Pequeno — Uma situação, com casa de vivenda, confinando, de um lado, com terras de Henrique José Esteves, de outro, com as de José Coelho Sobrinho, fundos até a mais alta serra do Mar. — Protocollo — Pagina, noventa e um — Numero — Oitocentos e cincoenta e quatro. Official — Francisco Teixeira de Carvalho. — Averbações — Protocollo — paginas cento e quatro — Numero — Mil e onze — Averbações numero um — Certifico que por escriptura de nove de novembro de mil e novecentos, lavrada nas notas do Tabellião Francisco Teixeira de Carvalho, o coronel Honorio Lima e sua mulher venderam a Joaquim Monteiro de Queiroz a situação do Camiranga, constante desta escripturação; e pela mesma escriptura os credores hypothecarios, Oliveira Galindo & Companhia, habilitaram o comprador Queiroz a requerer o cancellamento parcial do Registro da dita situação Camiranga, que fica livre do gravame hypothecario. Assim, a requerimento do dito Queiroz faço o cancellamento da dita situação de conformidade com a escriptura e extractos em duplicatas, que me foram apresentados pelo mesmo Queiroz, e de tudo dou fé. Angra dos Reis, dezesete de janeiro de mil novecentos e um. O official — Francisco Teixeira de Carvalho.

«Certifico mais que da mencionada inscripção, não consta que esteja extincta e cancellada a hypotheca e que estejam livres e desembaraçados da mesma, os immoveis nelle transcriptos, além da situação Camiranga, cujo cancellamento parcial consta da averbação numero um retro transcripto. O referido é verdade e consta do proprio livro, ao qual me reporto e dou fé e de onde bem e fielmente extrahi a presente certidão, por me ser pedida, nesta cidade de Angra dos Reis, aos dezeseis dias do mez de junho de mil novecentos e quatorze. Eu, João Jorge de Andrade, official interino do Registro Geral, a escrevi, conferi e assignei. — Angra dos Reis, 16 de junho de 1914. — (assignado sobre duas estampilhas de 300 cada uma) João Jorge de Andrade.»

Por essa certidão, vê-se que apenas Camiranga foi resgatada da hypotheca, subsistindo, portanto, todos os outros bens, inclusive a ilha da Francisca, embaraçados, e fazendo parte do inventario de Antonio Gallindo, como credor hypothecario de Honorio Lima:

As 120 acções da Companhia Mercado Municipal, com as quaes o Sr. Honorio Lima quiz resgatar a propriedade hypothecada para offerecer ao Sr. presidente da Republica, importavam em 24 contos, pelo valor nominal.

Hoje a hypotheca do emprestimo correspondente a 12 contos ao anno, durante tres annos, e um juro de 10 o|o annuaes, até fins de 1913, é do valor de cerca de 50 contos.

— E qual será o papel que está representando, no meio de tudo isso, o Sr. Leopoldo Cunha, constructor do palacete?

Sabemos que S. S. está de posse da chave do rico «chalet» presidencial e não fará entrega delle a quem quer que seja, sinão mediante a importancia de 100 contos!

E os operarios que trabalharam nas obras?

Parte foi paga pela verba dos 8.000 contos que ao Sr. Frontin foram dados para o alargamento da linha ferrea na Serra. Aos outros foram fornecidas cadernetas de divida, competentemente assignadas e visadas por altos funccionarios da Estrada. Essas cadernetas têm circulação em Angra, pelo commercio, como moeda official.

Nota da Red. — Esta noticia não foi publicada em fins de junho por prohibição da censura policial.

O Espirito Santo soffre do mal geral do paiz

O que nos disse o Sr. Moniz Freire

Do Espirito Santo chegou hontem o Dr. Moniz Freire, senador espiritosantense, filiado ao Partido Liberal. (*)

Procurámol-o em sua residencia, afim de nos informarmos sobre a situação do Estado de que S. Ex. é representante.

— A questão financeira — disse-nos S. Ex. — é, em minha terra, tão importante que sobrepuja todas as outras. A politica

Senador Moniz Freire

passou para um plano secundario. Aliás, o meu Estado permanece como que atordoado, na posição critica em que o deixaram homens sem escrupulos, que, aggravando com transacções indebitas as condições do Thesouro do Estado, aggravaram sobremodo as nossas finanças, como bem se póde inferir dos telegrammas que os jornaes ultimamente publicaram, em que vinha a alarmante nova de que os banqueiros francezes declararam não se aliarem absolutamente aos inglezes para qualquer operação de credito para o nosso paiz, emquanto não fossem satisfeitas as obrigações contraidas com o Banco Hypothecario, aquella celebre negociação não ha muito tempo entabolada pelo conde Jeronymo Monteiro.

O meu Estado, disse S. Ex., póde-se considerar um estado fallido. Os juros vencidos do ultimo semestre, relativos aos negocios com o Banco Hypothecario, ainda não foram pagos. E os futuros?

O Espirito Santo, por si só, não poderá nunca desobrigar-se de tal compromisso. O governo do Estado já não paga os que, tendo depositos na Caixa Economica, vão retiral-os.

Pessoas que têm grandes depositos, quando pretendem retiral-os, apenas conseguem a quinta, sinão a decima parte. De uma sei que, tendo 2:000$000 em deposito, pretendendo retiral-os, foi-lhe dito sómente lhe ser possivel a entrega de 50$000.

Recorreu o depositario ao agente fiscal, que, aliás, é um moço digno; este, envidando esforços colossaes, conseguiu arranjar-lhe 500$000.

E', como vê, uma cousa lastimavel.

A declaração da prorogação do sitio, accrescentou o illustre senador, é um desses actos que indignam, mas nos deixam sem expressão para o commentar.

(*) Esta entrevista deixou de ser publicada em tempo por determinação da censura policial. — N. da R.

— «Vou para Obidos descansar e de lá espero voltar, breve, victorioso»

— diz o Sr. coronel Mendes de Moraes

Antes de partir para o seu destino, conseguimos ouvir o Sr. coronel Mendes de Moraes, um dos officiaes do Exercito apontados como revolucionarios pelo governo.

— O estado de sitio, disse-nos S. S., foi creado exclusivamente para resolver a questão do Ceará e, ao mesmo tempo, para evitar fosse approvada a moção da guarnição federal,

Coronel Mendes de Moraes

ao appello dos officiaes que se achavam naquelle infeliz Estado. Nunca houve revolta. O governo não podia se manter, via-se desautorado e em imminencia de uma queda, por isso fez aquella mascarada com a sessão do Club Militar, para poder decretar o estado de sitio. A moção que a officialidade briosa e patriota apresentou de protesto contra a intervenção no Ceará, foi um tiro de honra que demos no Pinheiro Machado. Esse estortega-se nas vascas de sua agonia e não tardará muito a sua derrocada assombrosa.

— E então, por que foi preso?

— A minha prisão, como a de onze officiaes, os «terriveis conspiradores», foi um ardil, sendo todos nós victimas de uma farça ignobil, provocada pelo proprio governo e por gente que tem galões nos punhos, como os Pulcherios, os Bomfacios e outros.

A «conspiração» nunca existiu; isto está provado pelo proprio inquerito presidido pelo general Marques Porto. A «conspiração» partiu de cima; foi forjada por altas patentes, que compareceram á reunião do Club Militar tendo na cabeça a realisar o mais diabolico plano.

— Tinham elles algum plano assim?

— Para vergonha do Exercito, havia o plano de transformar aquella reunião em uma «soirée» de sangue.

Um general tomara a si a alta missão de apagar a luz de todo o edificio do Club Militar, emquanto o tenente Pulcherio invadiria o mesmo, retirando-se a gente do governo a um signal dado.

Era uma chacina... mas, a morte de muita gente não incommoda aos quadrilheiros que nos governam, e até seriam ellas bem aproveitaveis, por isso que abririam vagas á promoção dos Quincas, dos Abilios, dos Joaquins Ignacios, dos Telles e outros da mesma envergadura.

— Dizem que a revolução seria inevitavel, caso o governo não tomasse as providencias que tomou, não é verdade?

— Ella, a revolução, porém, não partia da reunião do Club, mas, a ser verdade que havia planos para isso, a revolta seria de todo o paiz contra essa gente que nos deshonra. E, póde ficar certo, a revolução virá. Terminado agora o sitio, veremos novamente virem á luz os nossos idéaes de liberdade. Precisamos sacudir este «cauchemar», essa aza negra gaucha. A bancada paulista e a mineira já entraram num accordo de inteira solidariedade á politica do Wenceslão; e esta, bem sabemos, de seus proprios labios, nos discursos que já pronunciou: é inteiramente desligada de compromissos de partido pois S. Ex. não pediu para ser eleito, mas foi insistido para acceitar o cargo.

O grande dia ha de chegar!

— Qual a impressão que lhe deixou a reunião do Club?

— Dolorosa! Estavamos reunidos, quando começaram alguns generaes, da confiança do governo e assalariados, a darem protestos e vivas ao marechal e ao general Pinheiro Machado. Entre elles o então coronel e presentemente general Pantaleão Telles, que, entre vivas ao general gaucho, recitava tambem versos indecentes. Formou-se o tumulto, e encerrada a sessão, cerca de meia noite, já alguns generaes eram presos. O meu irmão, general Feliciano Mendes de Moraes, á meia-noite era preso em sua residencia.

Mas nada disso adiantará ao governo, que não conta nem com a policia, em cujo quartel não fez mais que victoriar o nome do general Thaumaturgo, no meio de franca anarchia.

— Quando foi preso o coronel?

— No dia 5 de março, ás 15 horas e 30 minutos, eu me apresentei no 3º regimento de infantaria, sob o commando do Sr. coronel Abilio, obedecendo a um edital que considerava desertores aos officiaes que se não apresentassem aos seus respectivos corpos. O Sr. coronel Abilio prendeu-me, recolhendo-me a um cubiculo, onde não havia conforto nem hygiene. Fui deportado; estive preso durante 40 dias, sendo assim obrigado a abandonar interesses superiores. Imagine que, presidente da Cooperativa Militar, depois da deposição do agiota coronel Thomaz Cavalcanti, — o meu maior inimigo, — não pude tratar dos interesses da mesma Cooperativa.

Sigo, agora, para Obidos, porque tenho de soffrer as consequencias de uma «revolução» feita por outros que não eu...

Entretanto, creia-me, demos o tiro de honra no mais audaz, ignorante e nefasto dos caudilhos que têm dirigido essa desgraçada choldra que vem infelicitando a Republica. Vou para Obidos, descansar, e de lá espero voltar, breve, victorioso.

Uma grande manobra á sombra do sitio

O negocio das duzentas mil libras

Em 3 de agosto ultimo, o governo, «considerando» que era de seu dever zelar pelos supremos interesses da Nação, em face dos graves acontecimentos que se desenrolavam e ainda subsistem, na Europa, decretou até 15 do mesmo mez ser considerado «feriado nacional», e suspensos todos os actos impraticaveis nesses dias.

Esses decretos dum só artigo, em seu unico paragrapho, exceptuava somente as «repartições publicas de caracter administrativo», menos da Caixa de Conversão.

Esses feriados foram solicitados pelos bancos allemães, por intermedio do Banco do Brasil, que estavam necessitando de certo alento, aquelles, porque não podiam soffrer a corrida, a que o British Bank vinha resistindo com todos os seus elementos e auxiliado pelo London, e o do Brasil, porque não podia egualmente entregar os saldos de bancos allemães e inglezes no gyro do seu negocio.

Os interessados reuniam-se successiva e consecutivamente no edificio do Banco do Brasil, e aplainado o projecto, que foi o decreto de 15 de agosto, decreto tão precipitadamente feito, que não trouxe o seu numero, como facilmente se verifica no «Diario Official» de 16 de agosto.

Este celebre decreto, suspendeu por 30 dias, em todo o territorio da Republica, o movimento das obrigações resultantes de letras de cambio e outros titulos commerciaes, das retiradas em contas correntes, as prescripções, os executivos para cobrança dos impostos e a «troca por ouro» das notas da Caixa de Conversão, «podendo», porém, dentro do praso (30 dias e depois mais 90 dias, ou 120 dias) o governo «resolver» que a suspensão seja «continua» ou «intermittente» ou «permittir a troca de quantias diariamente prefixadas».

E' claro que o governo podia resolver que a suspensão fosse interrompida por dias, ou por quantias prefixadas para o troco de notas da Caixa, por ouro depositado, mas... como surpresa, si é que ainda ha surpresas no quatriennio que felizmente está a terminar, que a 14 de outubro, isto é, do feliz mez da terminação do prolongado «Estado de Sitio», os jornaes officiosos publicavam a noticia seguinte:

«O Dr. Rivadavia Corrêa, ministro da Fazenda, recommendou hontem ao director da Caixa de Conversão que troque, pela quantia equivalente em moeda esterlina, a de 3.000:000$000, em cedulas conversiveis, remettidas para a Caixa, e que lhe serão entregues pela Thesouraria Geral do Thesouro Nacional.

Esse ouro é destinado ao pagamento de «coupons» das obras do porto do Rio de Janeiro a pagar-se a 1º de novembro proximo.

Podemos accrescentar que hontem, mesmo, á tarde, foram retiradas dos cofres daquella Caixa 200.000 libras esterlinas, equivalentes a 3.000:000$000, em notas conversiveis.»

Mas, não era tudo. No dia seguinte esses mesmos jornaes, publicavam a seguinte noticia:

Pelo «Zeelandia» o Thesouro Nacional remetteu hontem aos nossos agentes financeiros em Londres a quantia de 200.000 libras, equivalentes a 3.000:000$000, em cedulas conversiveis, para occorrer ao pagamento dos «coupons» do emprestimo externo para as obras do porto do Rio de Janeiro, a vencer-se a 1º de novembro proximo.

Essas libras, conforme hontem noticiámos, foram retiradas da Caixa de Conversão, tendo para isso entrado o Thesouro com as notas conversiveis equivalentes.»

As informações do ministro da Fazenda eram mentirosas. Nesse mesmo dia 15 de outubro, garantimos que o governo não retirou as 200.000 libras em troca de 3 mil contos, mas havia retirado a 13 apenas 100 mil libras, entregando 1.500:000$000 e que somente estas foram despachadas pelo «Arlanza» e não pelo «Zeelandia», que nem siquer abriu manifesto no Rio de Janeiro.

As primeiras cem mil libras saíram em saccos de mil, numa carroça da Empresa Expresso Federal. Os «Arlanza» e «Zeelandia» deixaram o nosso porto no dia 14; o «Zeelandia» não levou carga alguma e o «Arlanza» não demorou a saida para facilitar o encaixotamento de tal «ouro» e não é para acreditar que um paquete de bandeira belligerante recebesse «tão cara» carga, quando não ha seguro possivel exacto. Vejamos como saíram as outras 100.000 libras, e, depois indaguemos do negocio feito pelo Banco Ultramarino.

No dia 15, diziam alguns jornaes:

Pelo «Zeelandia», o Thesouro Nacional remetteu hontem aos nossos agentes financeiros, em Londres, a quantia de lb. 200.000, e etc... Pois bem, no mesmo dia 15, o automovel numero 1.063 recebeu á porta da Caixa de Conversão 20.000 libras, e foi a caminho do Banco Ultramarino; no dia 16, saíram mais 40.000 pelo automovel numero 1.974, ainda em caminho do mesmo Banco; no dia 17, era sabbado, a A NOITE, que montava, como ainda monta guarda á Caixa de Conversão, não viu retirada alguma, mas... e o encarregado do Thesouro havia annunciado, que a retirada seria ás 11 horas. Tinha sido impossivel aos encarregados do governo adquirirem as notas da Caixa, que de 4 1|2 o|o subiram a 7 e 8 o|o.

No dia 19, ainda o governo procurava obter notas para completar os ultimos 600 contos correspondentes ás ultimas 40.000 libras; mas, a 20 ás 13 horas e 15 minutos, quando o Sr. ministro da Fazenda, voltava das fornalhas da Alfandega, de assistir á queima do resgate do papel moeda da nova emissão, estava parado á porta da Caixa de Conversão o carrinho de mão de numero 1.051, que carregava os ultimos 40 mil esterlinos embarcados a 14 para Londres.

O carrinho lá foi caminho da rua da Quitanda, esquina da da Alfandega, onde entrou.

Ficava assim provado, que o governo não havia retirado a 14, os 200 mil esterlinos e que nem os havia despachado para Londres, porque taes moedas foram sempre a caminho do Banco Ultramarino.

Conforme é sabido, o governo, sem autorisação do Congresso, fez um contrato na Europa: — um novo «funding-loan», que mereceu dos telegraphistas indigenas rotulados de «Financial News» e mais titulos pomposos, os mais rasgados elogios.

Por esse contrato ficariam suspensos os pagamentos no estrangeiro, excepto o emprestimo para a construcção do cáes do porto, devido á cobrança especial do imposto para juros de resgate.

A' vista disso, como em 1º de novembro se vencia um dos «bonus» desse emprestimo, era necessario enviar o dinheiro em ouro para os credores na Europa.

Como fazer?

O governo achou que o Banco do Brasil não merecia confiança. Tão pouco a mereciam os Bancos allemães e inglezes. Foi então aventada uma idéa: utilisarem-se os offerecimentos que por intermedio do Sr. João Lage estava a fazer o Banco Ultramarino.

E o negocio foi feito.

O negocio servia, era pago em ouro. O

Os indultados do sitio

Já se commentou o indulto concedido pelo governo, para commemorar a descoberta da America, a Augusto Barbosa dos Santos, um dos assassinos dos estudantes no largo de São Francisco.

Mas nesse dia, e com o mesmo intuito de festejar o grande feito de Christovão Colombo, o governo da Republica restituiu

á liberdade outro criminoso, um «caften» cujo retrato se vê acima.

Maurice Blamblatt, que é o nome desse homem perigoso, perdoado da pena que tinha a cumprir, foi, como devem estar lembrados os leitores, o que, num requinte de perversidade, no dia 14 de maio deste anno, decepou com uma dentada o nariz da mulher que se vê a seu lado, de nome Magdalena Lencoult e a qual elle explorava depois de a ter roubado do seu legitimo esposo e prostituido.

Além desses crimes, Maurice ainda é bigamo, pois, sendo casado em sua terra, a Polonia russa, casou-se novamente aqui para obter dinheiro, com uma mulher de nome Rosa Kapilowitck, que era dona de uma pensão de mulheres faceis.

A prisão do marechal Menna Barreto

Uma das primeiras providencias que se ditaram ao atilado espirito do presidente e que deviam ser urgentemente postas em pratica, na noite do sitio, era a prisão do seu ex-amigo, o marechal Menna Barreto, á cuja custa fôra guindado a esse posto.

Ordem terminante foi logo dada pelo «celle» ao «seu» Uladislão de Freitas para que immediatamente fosse agarrado o celebre general da não menos celebre brigada estrategica da propaganda hermista.

O interessante jurisconsulto do largo do Rocio entendeu dever mandar prender o marechal Menna Barreto por um funccionario qualquer da policia — um supplente escolhido pelo seu Chico Valladares.

Essa imprudencia do genro do Sr. Glycerio ia-lhe custando caro.

O supplente ido á presença do general Luiz Barbedo, chefe da casa militar da presidencia, unica pessoa, talvez, em palacio que não fôra attingida pelo delirio da loucura que, si reinante eternamente no Cattete, nesse dia attingira ao seu mais alto grão, teve uma das maiores desillusões de sua vida politico-policial.

O chefe da casa militar «delle» dignamente despacheu o enviado do «seu» Uladislão, observando-lhe que um marechal do Exercito não era para ser preso por qualquer policial, que o ministro da Justiça julgasse ser sufficiente para tal missão.

Meio desconfiado, ainda, deixou o Cattete o subordinado do seu Valladares, que foi, directamente, á Policia, relatar ao seu chefe o acontecido.

Siô Valladares, precipitadamente, deixou seu gabinete e contou o que succedera com o seu emissario ao «seu» Uladislão.

No dia seguinte o presidente conversava no palacio do Cattete, no pateo do salão de despachos, com os Srs. Pinheiro Machado, Fernando Mendes, general Luiz Barbedo e Dr. Ferreira Vianna Filho.

Entra, charuto á bocca, todo sestroso, o genro do Sr. Glycerio.

Cumprimentos trocados, pergunta-lhe o presidente:

«Seu Herculano, o Menna já foi preso?

— Não — responde «seu» Uladislão, porque ha aqui em palacio quem se interessa pela liberdade desse official.

Era logico que o ministro do largo do Rocio queria se referir ao general Barbedo, que immediatamente entrou na conversa:

— Não é tanto assim, Sr. marechal; o que ha aqui em palacio é um official que não admitte que um collega seu seja desmoralisado por quem quer que seja. O Sr. Herculano mandou um supplente de policia prender o Sr. marechal Menna Barreto.

— São ordens do governo, respondeu meio importante, meio pallido, o genro do Sr. Glycerio. E, continuando — essas ordens serão cumpridas.

— E' o que veremos, grita o Sr. general Barbedo já muito exaltado.

Quero ver quem tem coragem para isto. Eu não o permitto nem o Exercito consentira essa affronta, seu biltre Alves.

Quando já as scenas promettiam consequencias mais graves foi o general Barbedo ainda muito excitado, levado pelo senador Fernando Mendes e outras pessoas do Cattete para outra sala, emquanto se lhe promettiam que o marechal Menna Barreto, a ser preso, o seria por um official de igual patente.

E o «seu» Uladislão ficou quieto, mudo, no mesmo logar em que se achava, porque outro qualquer que melhor lhe conviesse no momento ficava longe do paiz em que se achava.

cambio estava a 12 5|8 e as libras eram entregues a 16 d., a cobertura era mais que sufficiente, o Banco do Brasil não merecia confiança e havia amigos a contentar. A especulação principiou o seu trabalho, e em poucos dias, isto é, no dia 20, o cambio era de 14 d. pela manhã e 15 d. á tarde; mas, em Santos, o cambio era bem melhor e lá eram adquiridas as libras de cobertura para attender a remessa do governo, a 15 3|8.

Estava feita a grande economia de não prejudicar a nação, como disse um vespertino, muito embora o governo não tivesse respeitado a lei que suspendeu o troco das notas da Caixa de Conversão, nos termos expressos da lei, a que já nos referimos.

Quanto ganharam esse feliz Banco e o feliz intermediario de tão infeliz resolução do Sr. ministro da Fazenda? As libras nesse interregno têm sido vendidas no minimo de 16$ e o maximo de 26$. Soccorrem, porém, os credulos, pois ainda antes de 15 de novembro sairão da Caixa de Conversão, mais 60 a 80 mil libras, estando as notas conversiveis a ser adquiridas por senhores...

A seu tempo, informaremos os leitores.

A prisão do Dr. Pinto da Rocha

S. S. nos conta, em estylo ameno, as peripecias por que passou

Ao secretario do Directorio do Partido Republicano Liberal pedimos que nos narrasse o que com S. S. se passou, fazendo-lhe estas tres perguntas:

— Qual foi a causa que determinou a sua prisão?

— Como foi tratado pelos seus detentores?

— Que impressão lhe causou a prisão com que foi distinguido, ao ser decretado o estado de sitio?

O Dr. Pinto da Rocha

E com o Sr. Dr. Pinto da Rocha tivemos a seguinte conversa, em que S. S. nos narra as circumstancias em que se deu a sua prisão, o modo por que foi tratado, etc.

— Tenho a maxima satisfação em formular as respostas ás perguntas que me faz o meu presado collega, mas, a meu turno, vou pedir-lhe um grande obsequio.

— E qual é esse obsequio?

— E' este: desculpar-me por não responder á primeira pergunta...

— Mas não vejo o menor inconveniente em dar publicidade, agora que terminou o estado de sitio, á causa que determinou a sua prisão...

— Tambem eu não vejo inconveniente nenhum, mas...

— Mas?...

— Mas não posso responder-lhe pela simples razão de não saber, até este instante, qual foi o delicto que me levou ás masmorras d'El-Rei, Meu Augusto Amo e Senhor... Ninguem m'o disse e, como eu não sou curioso, não perguntei.

Penetrei na minha cella escura no dia 5 de março de 1914, ás 9 e meia horas, e sahi do ergastulo pavoroso, ás 17 e meia do dia 18 do mesmo mez; já cá estou, no olho da rua ha 28 dias e ainda não houve um santo que fizesse o milagre de me explicar esse mysterio das escripturas governamentaes conservadoras.

Sei que estive no carcere durante 14 dias, com duas sentinellas á vista, de dia e de noite, mas a respeito das causas que motivaram o meu constrangimento, com tamanhas cautelas e tal rigor, só tres pessoas podem informar com segurança: o Sr. senador Pinheiro Machado, o Dr. chefe de policia e o Reverendo padre Cicero Romão.

Eu tenho desconfianças, mas certeza, não.

— E é indiscreção saber quaes são essas desconfianças?

— Não; o meu amigo nunca é indiscreto. Eu desconfio do seguinte: como A NOITE sabe de sciencia propria, o meu prestigio no Ceará é uma cousa que ninguem se atreveu ainda a pôr em duvida, nem os meus presados amigos João Lopes, Frederico Borges e coronel Thomaz Cavalcanti.

Ando ha muito tempo desconfiado de que fui eu quem mandou fazer aquella bernarda do Joazeiro, de cujo bojo saiu a segunda libertação da Terra do Sol. E A NOITE bem comprehende que com essa responsabilidade a pesar-me nas costas eu não podia deixar de ser preso, como tambem foi o Sr. José Arthur da Frota, 2º vice-governador do Ceará, detido durante 24 horas por procuração em causa propria de seu sobrinho, o ultra-famigerado Frota Pessoa, que, além de outros crimes graves, teve o atrevimento de ser amigo do coronel Franco Rabello e do Dr. Belizario Tavora, ex-primeiro chefe de policia do marechal Hermes.

— E como foi tratado pelos seus detentores?

— Admiravelmente. Tive casa, cama, mesa e pucarinho, tal qual determinam as ordenações do Reino. Comida excellente e bebidas magnificas, duas vezes por dia.

Ao terceiro dia, supprimiram o vinho e as aguas de Caxambu', ao almoço. Nós dous, porém, hospedes egregios do Dr. Francisco Valladares, mandámos buscar, por nossa conta, ao café Aguia d'Ouro uma garrafa de Champagne Clicquot e duas de agua de Vichy. A' tarde, porém, á vista dessa solução heroica, foram restabelecidos o vinho e as aguas.

A minha cama era de ferro, com téla de arame e colchão de crina, bom travesseiro e lençóes, fronhas e colcha da propria repartição.

O lavatorio, tambem de ferro, tinha um lindo apparelho que me pareceu de Sèvres, estylo Imperio, mas o Dr. Mario Behring me affirmou que era pura faiança oriental. Esse lavatorio dispunha de um espelho que, via-se logo, não era de Veneza, mas tambem não era de Ararunama. Tivemos um servente de primeira ordem: o Daniel, uma creatura de boa indole jovial que, emquanto varria e arrumava a nossa masmorra, cantava a «Cabocla de Caxangá». Tanto as sentinellas que nos vigiavam dia e noite, como os chefes do serviço de segurança, Sr. capitão Eustachio, Sr. Arthur Araujo e Sr. Pessoa, nos dispensavam sempre as melhores considerações compativeis com os cuidados que tinham pela nossa permanencia ali, «entre ferros da prisão, curvados sob as cadeias, rojando as frontes no chão», conforme a poesia do velho Soares de Passos.

Nos quatro primeiros dias, amarguei um pouco o peccado de ser adversario do governo e quasi compadre do meu dilecto amigo senador Pinheiro Machado: dormi num sofá que parecia o berço no qual dormitou em sua primeira infancia o venerando Sr. Vieira Fazenda, nos começos do seculo XVIII, e por essa circumstancia, toda ella fortuita, e de que só é culpado o marceneiro que não fez o referido sofá um pouco mais comprido, soffri algumas dores violentas porque o meu fiel antraz nas costas não tinha paciencia para supportar, como eu, as contingencias da vida terrena, durante o benemerito quadriennio do nosso paternal governo marechalicio. Mas, afinal, o antraz comprehendeu que «assim é que vamos bem», como affirmou o honrado Sr. general Silva Faro, na sua ordem do dia, e accommodou-se: depois, entrou tudo nos eixos e foi um regalo d'alma passar aquelles 14 dias «á sombra das bananeiras, atrás das azas ligeiras das borboletas azues», como prescreve o Casimiro de Abreu.

— Que impressão lhe causou a prisão com que foi distinguido, ao ser decretado o estado de sitio?

— A principio, a impressão que experimentei foi egual á que produz uma pancada na bocca do estomago. Quando os esbirros d'El-Rey Meu Augusto Amo e Senhor, me bateram á porta de casa, ás cinco horas da manhã, com um estardalhaço indescriptivel, fiquei frio, e não sei para quem; mas depois que os homens passaram, duas vezes, á minha beira e não descobriram o pinto, recobrei animo e ri-me ás bandeiras despregadas.

Aquella primeira impressão justifica-se amplamente: nada menos que a commoção da estréa, eu nunca havia sido preso, era aquella a primeira vez; eu ia «debutar», a platéa estava cheia do que havia de mais selecto na zona, á hora calma de uma doce manhã de março; o que me apavorava era um fiasco, mas tudo correu admiravelmente e o successo foi completo: os homens «vinham por ordem do marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil», conforme disseram, «para levarem preso o Dr. Pinto da Rocha, tendo cercado a casa desde as 10 horas da noite do dia 4, e não puderam cumprir a ordem do Grande Chefe, porque a fera havia illudido a vigilancia de Argus e de Lynce».

Entretanto, como em todas as cousas, mesmo funebres, ha sempre uma nota comica, desta feita não faltou, na tragedia da minha prisão, a nota do ridiculo.

Como não me encontrassem, os alguazis do Santo Officio deixaram agentes postados á porta de casa, no segundo andar, á porta do consultorio medico do primeiro andar e á porta da rua, com recommendação expressa de não deixarem entrar nem sair, fosse quem fosse.

Mas veiu o leiteiro, veiu o padeiro, veiu o açougueiro e por ultimo chegou o continuo do Directorio do Partido Liberal, que, como de costume, todas as manhãs me procura.

E o leiteiro, e o padeiro e o açougueiro, e o continuo foram presos... para entregarem as cartas que traziam para o Dr. Pinto da Rocha.

O ultimo a ser arpoado foi o continuo do Directorio Liberal, que apenas teve tempo de entregar á creada uma lata de manteiga Demagny, que lhe fôra encommendada de vespera, porque, como vê, o Directorio trata-se bem.

Intimado para entregar a carta que trazia para o Dr. Pinto da Rocha, o pobre homem suou em bica, ficou «pallido e louro, muito louro e frio», como diz o soneto do Antonio Feijó, e foi conduzido á delegacia para entregar a carta, a carta perigosa que devia conter todo o fio da conspiração damnada, a carta fatal, funerea e feroz, que poria nas mãos do governo toda a vasta meada da revolução.

Chegados á delegacia levaram o desgraçado para o mais recondito da casa e ali, sem consideração pela pudicicia inviolada dos 50 annos do pobre homem, revistaram-lhe todos os bolsos, todos os forros da roupa, despiram-no, puzeram-no em trajes de Adão no Paraiso e tanto procuraram a carta, tanto cheiraram, tanto metteram o nariz, que, afinal, encontraram... o az de copas. Era a carta unica que o homem levava comsigo...

Soberbo, encantador, este estado de sitio!...

Historia documentada de uma das violencias no Ceará

Como foi arrombado o edificio da Intendencia de Fortaleza e como foram presos o intendente e os vereadores

I. O arrombamento; II. Entrada do intendente Albano; III. Os vereadores na janella, pouco antes de serem presos; IV. O intendente e os vereadores presos, são conduzidos á presença do Sr. Setembrino

Descripção das photographias

Photographia n. 1

No dia 18 de março pp. pelas 11,30 horas sabendo o Sr. Ildefonso Albano, intendente municipal de Fortaleza, que o coronel Fernando Setembrino de Carvalho, interventor federal — que se diz presidente do Estado — tinha nomeado um outro intendente mandou que se fechasse a repartição, officiou ao interventor protestando contra a nomeação e communicando que ia entregar as chaves da Municipalidade ao presidente da Camara Municipal.

Pelas 12,30, em presença e por ordem do capitão Toscano de Britto, foi cercada a Municipalidade por força embalada e de baioneta calada e arrombada a porta da Municipalidade deante de grande massa popular que prorompeu em calorosos vivas ao coronel Franco Rabello. Após este acto barbaro e violento perpetrado pelo proprio delegado militar do interventor, foi empossado o novo intendente. Continuando os vivas, o violento capitão mandou dispersar o povo a carga de baioneta.

A primeira photographia representa a Municipalidade logo após o arrombamento da porta que é a segunda do edificio.

Em vista deste attentado fez o Sr. intendente outro officio energico ao coronel Setembrino e pediu ao presidente da Camara Municipal que convocasse a Camara para o dia seguinte, para que elle pudesse communicar o occorrido á mesma.

Photographia n. 2

No dia seguinte, 19 de março — antigamente dia santo e ficando por isto fechada a Intendencia — ás 14 e meia horas, approximaram-se da Municipalidade o presidente da Camara, cinco vereadores e o intendente Sr. Ildefonso Albano e perguntaram á sentinella quaes era suas ordens. Respondeu: «E' não deixar o povo fazer ajuntamento»! E sobre a Intendencia? «Não tenho nenhuma ordem.» Disseram então esses senhores: «Vamos subir para uma sessão da Camara Municipal.»

Abriram com a chave a primeira porta da Intendencia e subiram para o primeiro andar onde é a sala de sessões. Antes da sessão appareceram nás varandas e foi apanhada a segunda photographia, vendo-se da direita para a esquerda: Ildefonso Albano, intendente municipal, Vieira da Costa, vereador; José Brasil de Mattos, presidente da Camara, vereadores Luiz Bastos, Emilio Sá, Joaquim Muniz, José Gomes de Moura e um empregado da Camara.

photographia n. 3

Após a sessão, tendo já se retirado os vereadores José Gomes de Moura, Luiz Bastos e Vieira da Costa, penetrou no edificio o mencionado Toscano de Brito com dez praças e effectuou a prisão do presidente da Camara, de dous vereadores e do intendente. A Camara Municipal é um poder autonomo, não pode ser nem foi attingida pelo decreto de intervenção. A Camara de Fortaleza não teve contestação, portanto podia se reunir quando bem entendesse.

Photographia n. 4

Na quarta photographia vê-se como os presos foram conduzidos ao quartel: entre dez praças de baioneta calada e de bala n'agulha, notando-se perfeitamente na photographia como um soldado está justamente passando a bala para a agulha. Na photographia conhece-se perfeitamente de fraque escuro e chapéo de chile o intendente municipal Ildefonso Albano, á sua esquerda o presidente da Camara José Brasil de Mattos, atrás, de chapéo de chile o vereador Emilio Sá e de branco o vereador Joaquim Muniz. Logo atrás do vereador Emilio Sá está o odiado capitão Toscano. Quando dobraram na esquina, o povo prorompeu em vivas ao coronel Franco Rabello. Chegados ao quartel, o quasi-general Setembrino disse ao presidente da Camara: «Uma vez que eu nomeei um novo intendente, estava ipso facto dissolvida a Camara Municipal».

O presidente disse que S. Ex. não se tinha dignado communicar-lhe a nomeação do outro intendente e que a Camara Municipal, sendo autonoma, era independente da Intendencia.

O quasi-general arguiu: «E o Sr. Albano, que estava fazendo lá?» Ildefonso Albano respondeu: «Eu fui assistir á sessão para communicar á Camara: 1, que tinha sido nomeado outro intendente; 2, que tinha entregue as chaves da Municipalidade ao presidente da Camara e 3, que, depois de cercada a Municipalidade, por força federal, foi violenta e criminosamente arrombada a porta da Municipalidade. A Camara Municipal é autonoma, não foi nem póde ser attingida pelo decreto de intervenção, portanto pode se reunir quando bem entender de accordo com a lei, isto é, com toda legalidade...

QUE TENHO EU COM A LEGALIDADE? disse o quasi-general.

A NAÇÃO HA DE SABER DESSAS VOSSAS PALAVRAS! disse o Sr. Ildefonso Albano.

Interviu então o capitão Toscano, dizendo: — «Estes senhores desrespeitaram a sentinella, arrombaram a porta da Intendencia e penetraram no edificio».

Indignado com esta falsa accusação, o intendente protestou energicamente.

Mas o capitão insistiu: — «Depois de arrombada a porta hontem eu mesmo mandei collocar nova fechadura, portanto os senhores não podiam ter a chave, Sr. coronel, continua elle voltando-se para o intendente, estes senhores desrespeitaram a sentinella, arrombaram a porta da Intendencia.»

Tendo o intendente protestado novamente com energia, o capitão fez um signal para o quasi-general que deu voz de prisão ao intendente, e relaxou a prisão dos outros.

Foram estes os documentos enviados pelo intendente municipal ao general Setembrino, então coronel:

«Intendencia Municipal de Fortaleza, 18 de março de 1914. — Exmo. Sr. coronel Fernando Setembrino de Carvalho inspector da IV, região militar. — Não tive nenhuma communicação de vossa parte, entretanto acaba de chegar a meu conhecimento terdes feito nomeação do Sr. coronel Casemiro Montenegro para intendente deste municipio, cargo que occupo por nomeação legal, ha quasi dous annos.

Protestando contra a arbitrariedade desse acto, devo declarar para vosso conhecimento que, não lhe reconhecendo legitimidade, não posso, só em virtude delle, considerar-me, como de facto não me considero, destituido das minhas funcções.

Vosso caracter de interventor apenas vos investe da funcção de depositario do poder, portanto carecido da competencia precisa para actos que importem a revogação de outros, praticados pelo presidente do Estado como autoridade legitima e que, juridicamente validos, para todos os effeitos assim permanecerão, emquanto o Poder Legislativo Federal, no caso de intervenção como o actual, unico competente para delles tomar conhecimento, não se manifestar a respeito. O statu quo da administração, emquanto não resolvida a pendencia, é da propria natureza da figura constitucional de intervenção conforme o caso emergente do § 2, do art. 6.

Proceder de modo contrario é promover a balburdia, pois que, não tendo sido ainda declarado nullo nenhum dos actos do governo do Estado, reconhecer em vós como interventor competencia para revogar qualquer desses actos, o mesmo será reconhecel-a para revogar os demais outros, conseguintemente até mesmo para ferir direitos por ventura já adquiridos na anterior situação administrativa da qual sois actualmente um méro depositario, e cuja economia não póde legalmente ser affectada por um simples decreto, injusto e violento do Exmo. Sr. presidente da Republica.

Dadas estas considerações, não posso nem devo reconhecer validade naquelle vosso acto, de nomeação de intendente, porquanto subsistem ainda, plena e integralmente, os fundamentos de direito que conferem perfeita legalidade ao acto presidencial que me investiu das respectivas funcções, emquanto como foi de uma autoridade que actualmente se acha apenas afastada do exercicio de seu cargo, não podendo desta sorte quem quer que seja annullar-lhe os actos, emquanto não for o caso definitivamente julgado pelo poder competente.

Entretanto, obediente ás leis que regem constitucionalmente os assumptos municipaes do Estado, vou levar o caso ao conhecimento da Camara Municipal, unico poder a quem hoje devo contas de minha conducta administrativa e que absolutamente em sua funcção legalmente autonoma, não foi nem póde ser attingida pelo acto que decretou a intervenção para o Ceará.

A ella pois faço entrega das chaves da Repartição Municipal que dirijo, cumprindo-lhe então resolver como melhor julgar para resalva dos interesses deste municipio em sua legitima funcção autonomica.

Saudações. — Ildefonso Albano, intendente municipal de Fortaleza.»

Depois do violento arrombamento da Municipalidade, dirigiu ao Sr. intendente o seguinte officio:

«Intendencia Municipal de Fortaleza, 18 de março de 1914.

Exmo. Sr. coronel Fernando Setembrino de Carvalho, M. D. inspector da IV região militar.

Faço este em additamento ao meu officio desta data, sob n. 16, em que vos communico entregar a Camara Municipal de Fortaleza as chaves de seu edificio onde funcciona egualmente esta Intendencia.

Não tenho expressões com que possa stygmatisar o acto criminosamente violento pelo qual foi arrombada a entrada daquelle edificio, que estava guardado por força federal, edificio pertencente a um poder autonomo, legalmente constituido, nelle funccionando livremente sem nenhuma dependencia de vossa autoridade interventora.

No regimen da lei é isso bem uma prova do criterio que vem presidindo todos os actos consequentes da actual intervenção.

Contrario não sómente á lei e á moral publica, mas ainda á propria civilisação, é forçoso protestar energicamente como chefe do executivo municipal de Fortaleza contra esse acto de criminosa violencia que não é mais do que a sequencia dos demais outros de verdadeiro vandalismo que se vem praticando no territorio cearense, hoje entregue a uma condição de estado de sitio, mas á mercê da horda que tala os campos sertanejos do Ceará, commettendo depredações, roubos, assassinatos e tudo mais que se registra a cada dia.

A gravidade da conducta dos vossos mandatarios importa em flagrante attentado á autonomia dos poderes e ao proprio regimen republicano. Assim pois, fazendo este protesto saberei pugnar pela integridade e autonomia municipal, hoje criminosamente ferida pelo acto anarchico de que me venho occupando. — Saudações. — Ildefonso Albano — intendente municipal de Fortaleza.»

Esses officios não tiveram resposta.

O presidente ia recebendo de presente e por engano um automovel do Estado...

Todo o mundo sabe que o presidente não diz «não» a ninguem: elle acceita tudo quanto lhe dão.

Assim, devido a esse genio especial, recebeu elle a ilha Francisca, a casa da chave de ouro, «et coetera»...

Pois na segunda-feira da semana passada elle tambem não se póde negar a receber o automovel que serve no palacio do Cattete, especialmente ao presidente da Republica, e que o Sr. Baeta das Neves, Filho, incutiu no seu combalido animo lhe pertencer, porquanto fôra comprado pelos seus secretarios de Estado, que lhe teriam offertado.

O presidente convenceu-se e recebeu o automovel, que foi pelo Sr. Baeta das Neves, pressurosamente, mandado a uma officina, afim de soffrer uma ligeira limpesa, em que foram mudadas as armas da Republica, que marcavam a posse do Estado, para as iniciaes do presidente, seu novo proprietario.

Já ia o automovel para Petropolis, quando o general Luiz Barbedo, chefe da casa militar da presidencia da Republica, desfez o engano do seu amigo marechal, contando-lhe, então, a historia da compra desse vehiculo, que foi adquirido pelo Estado, e não pelos seus secretarios, no tempo do Sr. Francisco Salles, que foi quem recolheu as quotas, que lhe deram para esse um os seus collegas, tiradas de diversas verbas de cada ministerio, compra essa que foi feita, servindo de intermediario o Sr. Jacob Nogueira, um dos protegidos da côrte marechalicia, em virtude de necessitar o presidente da Republica de um automovel mais decente do que o que havia no Cattete, para o seu serviço.

E a intervenção do general Luiz Barbedo tirou do engano ledo e cego em que estava, S. Ex.

O marechal e os supersticiosos

Oração contra o azar que "Elle" causa

Não ha hoje mais nenhuma pessoa que desconheça a jettatura que o marechal exerce sobre todos aquelles de que se approxima. Desde aquelle desastre no mar, no dia em que S. Ex. foi assistir ás manobras navaes, ninguem mais hesitou em reconhecer a influencia nefasta que o seu máo olhado exerce sobre as cousas.

Ha caprichosos colleccionadores dos factos mais significativos.

Um dia S. Ex. vae ao Jardim Zoologico e morre o elephante, ao mesmo tempo que os pelotaris se machucam gravemente. Outro dia, S. Ex. vae assistir a um «match» de «football» e o melhor jogador quebra a perna. De outra feita S. Ex. vae ver os trabalhos de duplicação da linha na serra do Mar, e um tunnel desaba.

De outra feita, S. Ex. foi á Santa Casa, e todos os doentes peoraram, sendo que os graves morreram.

Por tal forma a jettatura do marechal cresceu e desenvolveu-se que hoje basta até pronunciar-lhe o nome — é convicção publica — para se considerar como mal augurados pelo menos os tres dias mais proximos. Por esse motivo passaram muitos supersticiosos a chamal-o de «Rodrigues», por atribuirem toda a urucubaca ao seu primeiro nome.

Nos quarteis, porém, e nas repartições publicas, como dizer apenas o Rodrigues fosse uma cousa insufficiente, e pudesse prestar-se a confusões, decretaram os supersticiosos que a designação melhor para o presidente seria a de «Marechal Elle».

Felizmente os feiticeiros encontraram um remedio contra o mal.

A seguinte oração nos foi enviada por um feiticeiro da Bocca do Matto, que nos garante sua infallibilidade.

A oração é a seguinte:

«Vae-te azar! Cruz, credo, mangalô, tres vezes!

Os anjos do Céo se reunam e chovam sobre minha cabeça muitos pingos da graça de Deus, com que eu me livre das infelicidades que estariam para desabar sobre mim e de que o céo me advertiu fazendo com que de minha bocca escapasse o nome d'Elle.

Cruz! credo! vae-te azar!

Reunam-se as almas de todos os padecentes, que viajam dia e noite pelo Purgatorio e atirem contra os máos olhares que estavam a querer corroer-me penetrando-me pelo corpo até ás entranhas a fulminação de suas iras, de modo a que delles escape eu illeso, já que os céos me preveniram do mal que estava a succeder-me, fazendo-me pronunciar o nome d'Elle!

Cruz! Credo! Mangalô, tres vezes!»

Esta oração deve ser resada tres vezes quando por um acaso uma pessoa se distrair e pronuncie o nome d'Elle.

Si elle tiver estado pela região, devem as casas pregar esta oração atrás da porta, sendo prudente trazel-a dobrada e cozida em breve, pendurado no pescoço, afim de evitar qualquer desgraça que o seu encontro attrahisse.

Fornecemos á custa do bruxo o remedio. O povo que experimente.

Alguns casos e commentarios

As vergonhosas promoções no Exercito

Neste comico governo do marechal, tudo degenera em fancaria, e si alguem acreditou algum dia que S. Ex. mantivesse um certo criterio com as cousas militares, enganou-se. As promoções no Exercito são um dos melhores exemplos de que nada foi respeitado á avalanche desorganisadora e destruidora desta gente, nem mesmo a hierarchia militar, tradicionalmente acatada nessas cousas de promoção.

Nunca se tinha visto um alferes chegar a capitão sem ser tenente e sem ter o necessario interstício. Nestes quatro annos porém, segundos tenentes chegaram a majores e foram arvorados em generaes, sem o menor escrupulo, homens reputados pelos seus collegas como quasi analphabetos.

Naturalmente semelhante golpe abateu muito o estimulo dos officiaes distinctos e valorosos, que muitos possue o Exercito.

Os exemplos de promoções irregulares são sem conta. Um official do Exercito nos fornece a seguinte listinha:

«O general Menna Barreto, que por lei especial do Congresso (invenção Pinheiro Machado), reverteu ao serviço activo no posto de general de brigada, sem prejuizo do quadro e que, por isso, só poderia ser general de divisão por uma outra lei especial, foi promovido pelo poder executivo; Pantaleão Telles, que respondeu a conselho de guerra pelo bombardeio de Manáos e que seria fatalmente condemnado, como o foi o seu companheiro, menos responsavel, Costa Mendes, foi amnistiado e em seguida promovido porque ameaçou publicar documentos compromettedores.

As promoções fóra da lista e sem vagas, dos ajudantes, de ordens, do marechal presidente, preterindo companheiros distinctos com serviços e antiguidade, indignaram em extremo a estes ultimos.

As transferencias de officiaes generaes para o quadro supplementar, medida a que se oppoz formalmente o presidente Affonso Penna, para não aggravar as despesas do orçamento, com o fim exclusivo de abrir vagas para os afilhados, e ainda por ultimo as promoções de dous coroneis sem as habilitações scientificas exigidas pelo bom senso, para o necessario desempenho de uma funcção de tanta responsabilidade, trazem bem a impressão do que póde este governo destruir: até no Exercito.»

Tambem o marechal presidente póde estar certo de que ninguem mais o toma a sério, nem mesmo as classes militares.

A Escola de Aviação e o seu contrato

Entre as cousas escandalosas no intervallo comico deste estado de sitio contra a verdade, figura sem a menor duvida a situação da Escola de Aviação. Foi feito um contrato escandaloso com um Sr. Gino, a quem o governo paga 70 contos de réis annualmente, por 35 alumnos apenas que recebem a instrucção technica. O material — aeroplanos e mais apparelhos — continuou a pertencer ao felizardo contratante.

Informações muito seguras nos affirmam que ninguem quer subir em taes apparelhos por não merecerem mais a menor confiança. E assim se transformou uma idéa util e de grande beneficio para o nosso Exercito em um negocio que já deu o seu fructo a um felizardo e que está agora a morrer de abandonada: a Escola de Aviação.

O estado maior bem tinha protestado e se opposto de modo formal a esse contrato, feito á sua revelia. Parece que essa repartição já previa o que se ia dar.

A NOITE DO SITIO

Como e por que foi elle decretado

O dia 4 de março passára-se em grande anciedade. Havia a expectativa da entrada dos jagunços em Fortaleza. Em todos os espiritos reinava a duvida. Chegaria até ahi a aventura do Ceará? A guarnição do Rio permittiria essa affronta ao Exercito, que teria de assistir impassivel ao saque de uma cidade brasileira, cuja guarda lhe fôra confiada? O appello da guarnição do Ceará ficaria sem uma resposta satisfactoria?

Nos jornaes da tarde apparecera a noticia de que o governo «resolvera ordenar ao Sr. Setembrino que impedisse a todo o transe a entrada dos jagunços em Fortaleza.» Mas a reportagem fôra pedir a confirmação dessa boa noticia ao governo e ouvira então dos labios desse desembaraçado senhor que se chama Herculano de Freitas esta estupefaciente declaração:

— O governo não tem que passar telegramma algum ao coronel Setembrino, que anteriormente já recebeu instrucções para agir no caso de um ataque a Fortaleza.

Era claro o ardil. O famoso telegramma, com que se procurára apaziguar os animos dos militares e do povo em geral, que via com justa razão uma colossal vergonha na imminente entrada das tropas de bandidos capitaneados pelo famigerado padre Cicero em uma capital de Estado, esse telegramma não passava de um «truc» para illudir a opinião e assegurar a victoria dos revoltosos escandalosamente protegidos pelo governo federal.

Com essas noticias coincidiam sinistros telegrammas recebidos do Ceará. Um desses telegrammas narrava innominaveis horrores praticados pelos jagunços, que não respeitavam cousa alguma em sua passagem. Nem a pilhagem, nem o assassinato, nem o incendio, nem a deshonra detiveram esses representantes do governo do Sr. marechal Hermes. Quem for ao Ceará, póde ainda ouvir a descripção desses quadros de opprobrio. Mas o Sr. Franco Rabello era «um máo amigo», como dizia o marechal, e por isso desapparecia a lei, sumia-se a civilisação, dissipava-se qualquer escrupulo que pudesse deter a aventura ignominiosa!

Logo de manhã nesse dia sinistro, o dictador resolvera fazer uma visita aos quarteis. Era o meio que elle tinha para socegar um pouco a exacerbação que de todos se apoderára ante os crimes que o governo estava friamente commettendo. O marechal foi implorar a piedade de seus companheiros de armas, que já o consideravam, segundo um conceito repetido pela officialidade, o maior conto do vigario soffrido pelo Exercito. Demais, S. Ex., apezar de sua curta intelligencia ou talvez inspirado por esse satanico Sr. Pinheiro Machado, já havia percebido que a empreitada do Ceará não se poderia consummar sem abafar a voz da imprensa que não se alugára. A esses motivos, que eram os do momento, juntava-se este outro, egualmente poderoso: o dictador precisava vingar-se da imprensa independente. Já em Petropolis S. Ex. falára, muito tempo antes, em «dar uma vassourada naquillo» (é textual). O estado de sitio fôra, pois, resolvido muitos dias antes da reunião do Club Militar, que não foi sinão o pretexto para elle.

Em todas as conferencias havidas nesse dia 4, no palacio do Cattete, o dictador falou na decretação do sitio. Os ministros não se atreveram a contrarial-o, com excepção unica do Sr. Lauro Muller, que se animou a alludir aos sérios inconvenientes que á nossa situação no exterior traria a applicação de semelhante medida. Que o Sr. Muller tinha razão, viu-o posteriormente o proprio governo. Mas por isso mesmo o ministro do Exterior caiu no index e teve de amargar o castigo de sua audacia...

Havia já muito tempo que se pensava em estado de sitio. Quem mais insistiu para que elle fosse promulgado, foi o Sr. Alexandrino de Alencar, a quem se deve, em collaboração com o Sr. Pinheiro Machado, o plano da desordem no Club Militar, afim de precipitar os acontecimentos. Foram, pois, os Srs. Alexandrino de Alencar, e Pinheiro Machado, que quizeram o sitio. A esse desejo juntaram-se os anhelos femininos do palacio.

Eis em traços rapidos a genese do periodo de humilhação e de soffrimento que acaba de terminar. O dictador quiz castigar o governo de um Estado e obedecer ás ordens do seu guia espiritual, vingando-se ao mesmo tempo de uma parte da imprensa. E na sua feroz inconsciencia não trepidou em commetter todos os desatinos, empobrecendo e aviltando a Nação. Mas contemos o que se passou na primeira parte da noite de 4 para 5 de março, transcrevendo a nossa narração do que se continha em uma segunda edição que haviamos preparado e que a policia não permittiu circulasse:

A resolução de hoje — O telegramma não foi passado

Na reunião havida pela manhã no Cattete, ficou resolvido, como se sabe, telegraphar ao coronel Setembrino, determinando-lhe que se oppozesse á entrada em Fortaleza dos jagunços do padre Cicero.

Em nossa primeira edição já consignámos as palavras do Sr. ministro da Justiça, que declarou que aquella ordem já constava das instrucções que o coronel Setembrino recebera.

Informações que temos confirmam que o telegramma não foi passado. Por que então se fez a reunião? Por que se resolveu expedir o telegramma?

E' bem recordar que, posteriormente ao recebimento das instrucções que o Sr. ministro da Justiça diz lhe terem sido dadas, o coronel Setembrino fez publicamente a declaração, em telegramma, de que assistia a tudo, inclusive ao assalto de Fortaleza, de braços cruzados.

Tudo isso indica que ou a resolução de hoje foi revogada por quem tinha poder para tanto, ou se trata de um simples «truc» destinado a apagar a má impressão causada pela conducta do governo nesse vergonhoso caso do Ceará.

Os membros da directoria do Club Militar ficam impenetraveis

A sessão da directoria do Club Militar terminou ás 18 horas, não nos sendo dado saber o que nella se passou.

Todos os membros da directoria estavam impenetraveis, declarando-nos que não podiam dizer o que se havia passado, por serem as suas sessões absolutamente secretas.

Uma grande reunião de academicos

Os academicos realisaram hoje uma grande reunião de protesto á chacina que se desenrola actualmente no Ceará. A sessão foi presidida pelo academico Ernesto Alves Bagdocino, que fez um vibrante discurso apresentando a seus collegas a pessoa do Dr. Caio Monteiro de Barros, que produziu eloquentissimo discurso, terminando concitando a mocidade, as classes armadas e o povo á revolução. Na reunião ficou deliberada a nomeação duma commissão para procurar o general Menna Barreto e pedir-lhe que defendesse com energia a liberdade republicana. A sessão terminou entre vivas á Republica, á Liberdade e á Revolução.

Nas immediações do Club Militar

Muito antes das 20 horas começaram os populares a se agglomerar nas immediações do Club.

Officiaes entravam em grupo, uns á paizana, outros fardados, sendo estes em numero diminuto.

A agglomeração crescia á medida que os minutos passavam.

Entram alguns officiaes generaes, entre os quaes os Srs. marechal Ozorio de Paiva e Thaumaturgo, ambos de uniforme de sobrecasaca.

Entre os curiosos surgiam de vez em quando figuras conhecidas de policias secretas.

Dous delegados — os Drs. Antenor de Freitas e José de Moraes, com varios commissarios — contabalam.

A massa cresce e elles resolvem requisitar uma força da guarda civil, que comparece instantes depois.

Os 32 guardas são collocados, á porta em duas fileiras para facilitar a entrada.

Photographos fazem explodir o magnesio.

De vez em quando destaca-se á sacada a silhueta de um militar conhecido. E' o general Mendes de Moraes, e cá em baixo reboa:

— Viva o general Mendes de Moraes!

Soam palmas estrepitosas.

São assim acclamados Menna Barreto, Thaumaturgo, Osorio de Paiva, Lino Ramos, Paulo de Oliveira e outros, cujos nomes não se póde mais distinguir.

Parte lá de dentro um ruido intenso.

A massa popular electrisa-se e dá vivas:

— Viva o Exercito independente!

— Viva Franco Rabello!

Passa-se o tempo. Chega cá fóra a noticia de que a agitação é formidavel lá dentro.

Officiaes mandam sair civis que haviam conseguido penetrar no salão das sessões, entre os quaes varios reporters.

Grupos de officiaes descem a escada. Os primeiros militares que chegam á porta são recebidos pela onda popular, que os toma e carrega em triumpho pela Avenida.

Os vivas se succedem. Atiram-se chapéos. O cordão de guardas-civis é rompido.

E assim se succedem essas manifestações, podendo-se destacar as ovações feitas a Menna Barreto, Thaumaturgo e Osorio de Paiva.

A calma vae se restabelecendo pouco a pouco.

Um dos aspectos da Avenida em frente ao Club Militar na noite da reunião

A reunião foi de principio ao fim tumultuosissima — O general Menna Barreto é acclamado presidente

Desde 19 horas os salões do Club Militar começaram a se animar. A reunião estava marcada para as 20 horas, mas a exacerbação dos animos attrahia os officiaes para o Club.

Pouco antes das 21 horas, o coronel Coriolano de Carvalho, á vista de terem esperado inutilmente até áquella hora a directoria do Club, sóbe a uma cadeira e, em altos berros e voz vibrante, propõe que se acclame o marechal Menna Barreto para presidir a assembléa, pois havia na sala numero legal.

A assistencia podia ser calculada em 500 homens.

As ultimas palavras do Sr. Coriolano foram recebidas enthusiasticamente com palmas e vivas por grande maioria dos presentes. Surgem tambem protestos vehementes.

A confusão se estabelece. Ha gritos, empurrões.

— Não póde. Si querem fazer «meetings» vão para a rua!

— Póde! Nós não estamos avaccalhados!

— Isto é uma reunião revolucionaria.

— Isto não pertence á directoria. E' tambem dos socios de caracter.

No meio de todo esse borborinho, o marechal Menna, calmo, ladeado pelo general Thaumaturgo, marechal Osorio de Paiva e coronel Coriolano e outros, assume a presidencia.

Um grupo de vinte officiaes resolve retirar-se:

— Vamos embora!

Mas ninguem os acompanha.

Um grupo de mais exaltados avança para a mesa, onde vibra murros successivos:

— Não póde! Não póde!

Outro grupo avança para conter o primeiro grupo.

Na sala, em cima de cadeiras, officiaes gritavam:

— Vamos telegraphar!

— Nós não podemos abandonar os nossos camaradas!

— Havemos de acompanhal-os até á ultima!

— Viva a parte sã do Exercito!

Um official, muito conhecido pelo seu heroismo, no principio do actual governo, grita insultos pesados ao chefe do governo.

Ouve-se, em contestação, um viva ao marechal Hermes, que se perdeu no meio de todo aquelle tumulto.

Mas a balburdia ia sempre crescendo. Officiaes, exaltadissimos, chegavam á janella e exclamavam:

— Que vergonha! Que vergonha!

O barulho era ensurdecedor.

Amigos do marechal Menna Barreto approximam-se e obrigam-n'o a abandonar a mesa.

Mas a presidencia não fica deserta. Outros officiaes sobem para o estrado. Querem falar, e berram:

— Pela ordem!

— Quero falar!

Mas o barulho vae cedendo pouco a pouco.

Consegue-se afinal apresentar

A moção de adiamento

Já no fim do barulho, quando havia um pouco de calma no recinto e que os officiaes, em grupos, pelas sacadas, protestavam contra a attitude da directoria, o Sr. tenente Herminio Caldas, segundo secretario do Club Militar, conseguiu falar, de maneira a ser ouvido por alguns dos seus consocios.

O Sr. tenente Herminio Caldas leu os artigos 45 e 47 dos estatutos e declarou que, em face do teor desses artigos, o Club Militar não se podia reunir na primeira convocação, tanto mais que não se conhecia bem qual era o numero exacto da maioria dos officiaes residentes nesta capital, devido ao movimento das transferencias, dos reformados e dos socios de licença.

Apurado isso, o Club Militar reunir-se-á no sabbado proximo, ás 20 horas.

Ao terminar, a gritaria no recinto voltou. Ouviam-se gritos de:

— Morra o Pinheiro!

— Abaixo o avaccalhamento do Exercito!

— Viva o Exercito livre!

O tenente Plinio de Carvalho correu para a mesa e avançou sobre o livro de actas. Um outro official segurou o livro. O livro, na luta, ficou rasgado.

Na sala, rolavam, aos encontrões, dous officiaes.

O Sr. marechal Menna Barreto fez vibrar os tympanos. Subiu para a mesa o Sr. general Thaumaturgo.

A gritaria continuava.

Um grupo de officiaes cercou a mesa.

O Sr. Menna Barreto sacou então do seu revólver.

A' essa hora e em vista da impossibilidade da reunião se poder effectuar, pelo tumulto provocado no recinto, que estava em verdadeira anarchia, o Sr. marechal Menna Barreto, acompanhado por numerosos camaradas, deixou o estrado da presidencia e saiu da sala das assembléas geraes.

O tumulto continuava.

Lá fóra, o publico dava vivas ao Exercito livre e a Franco Rabello.

O Sr. marechal Menna Barreto desceu para a avenida.

O publico, ao vel-o, rompeu os cordões da guarda civil e acudiu para a porta do Club Militar, prorompendo numa estrondosa ovação ao Sr. marechal Menna Barreto, ao Exercito livre e á liberdade do Ceará.

Officiaes presentes

Entre os presentes, vimos os seguintes officiaes:

Marechaes Pedro Paulo, Menna Barreto e Bormann, generaes Fontoura, Feliciano Mendes de Moraes e Thaumaturgo de Azevedo, coronel Vieira, major Carlos Costa, general Medeiros, coroneis Cavalcanti e Paulo da Silveira, majores Pederneiras, Potiguara, almirante José Carlos de Carvalho, capitão Potiguara de Macedo, coronel Coriolano de Carvalho, capitães Felix Amelio, Carolino Chaves, Cardim, Trompowski, Sotero de Menezes, Rego Barros, Propicio Fontoura, tenentes Benedicto Tourinho, Philadelpho, Plinio de Carvalho, Rodolpho de Vasconcellos, Dalmo de Rezende, Mario Ramos, Monteiro de Barros, Sigmaringa, Jansen Tavares, Cunha Mattos, Cunha Lima, Themistocles, Orlando Campello, Cunha Pinto, capitão de corveta Armando Ferreira, capitão Dichen, Eduardo Alcoforado, capitão Armando Jorge, tenente Palmyro Serra Pulcherio, coronel Mendes de Moraes, capitão Cintra e outros.

O Sr. general Thaumaturgo fala-nos sobre a reunião

O Sr. general Thaumaturgo de Azevedo, com quem estivemos logo após a reunião, manifestou-se-nos indignadissimo com o procedimento da directoria do Club.

S. Ex. referiu-se tambem com censuras á attitude atrevida e grosseira de alguns ajudantes de ordens e ao grande desrespeito, ao tumulto, á verdadeira anarchia reinante no seio da assembléa, não escapando a S. Ex. a falta de medidas para que fosse vedada a entrada a estranhos, e evitando assim que se andasse a pôr fóra do recinto alguns presentes, entre os quaes varios representantes da imprensa.

O Sr. general Thaumaturgo, já então com a presença tambem do Sr. tenente Propicio, que o apoiou, declarou-nos tambem não ter sido bem interpretado o pensamento do Sr. marechal Menna Barreto, quando começou a falar: aquelle marechal queria apresentar uma moção de apoio á attitude negativa da guarnição de Fortaleza, moção essa que seria assignada pela maioria dos presentes á reunião.

— E agora, general? — perguntámos.

— Agora... só sabbado...

Sargentos á paizana fingindo de officiaes

Estiveram presentes á reunião, fingindo de officiaes sympathicos ao P. R. C. alguns sargentos empregados no Quartel General e nos batalhões da cidade. Um delles é um sargento do 52.º de caçadores que ha pouco foi accusado por seus collegas de ser muito protegido por altas autoridades do Exercito, e que conhecemos por ter vindo á redacção deste jornal protestar contra o que delle haviam escripto collegas.

Esse grupo de sargentos era o que mais barulho fazia dentro do Club, protestando, trepando nas cadeiras, etc...

Após a sessão elles retiraram-se em companhia de um grupo de officiaes, do grupo pinheirista e que esteve cá fóra em conferencia com os commissarios e secretas que estavam fazendo o policiamento da rua. Depois officiaes e sargentos partiram em dous automoveis com rumo ao Cattete e ao morro da Graça.

Officiaes que se retiram na hora da confusão

Na hora em que começaram os protestos e os gritos dentro do Club, alguns officiaes sympathicos ao pinheirismo retiraram-se atropeladamente e foram fazer um pequeno conciliabulo na esquina da rua do Passeio, em frente ao Monroe.

O coronel Pantaleão dá «morras á canalha»

Um dos ultimos officiaes a sair foi o coronel Pantaleão, o impune bombardeador de Manáos.

O coronel saiu dando gritos de «viva o governo», «viva o glorioso senador Pinheiro Machado» e «morra a canalha»!

O Sr. Clementino exonerou-se?

Muitos dos socios do Club Militar hoje reunidos para deliberar sobre a situação no Ceará, estranharam a ausencia do capitão Mario Clementino.

Mais tarde, porém, ouvimos que esse official não comparecera, mas que deixara uma carta exonerando-se do cargo.

Ainda esta attitude pareceu estranha a muitos, que achavam que o capitão Clementino devia exonerar-se na occasião da sessão.

A moção mais votada

Os officiaes promotores da reunião de hoje eram unanimes em que fosse approvada a seguinte moção e hoje mesmo telegraphada para Fortaleza:

«O Club Militar resolve:

1º — Tornar publico que o Club Militar faz votos para que o Exercito e a Armada se mantenham fieis ás suas tradições republicanas e democraticas e não deshonrem as suas armas na subversão do regimen.

2º — Telegraphar á guarnição federal de Fortaleza, felicitando-a pela sua digna attitude de fidelidade á Constituição da Republica e aconselhando-a a manter, até á ultima extremidade, a vida, a propriedade e a honra da população nacional e estrangeira da referida capital.»

O Sr. Antonio Mendes de Moraes vê typos suspeitos

Na occasião em que, terminada a reunião, os officiaes se retiravam do Club, em frente á porta estacionava grande quantidade de populares e typos suspeitos.

Saia o Sr. coronel Antonio Mendes de Moraes, que, voltando-se para outros officiaes que vinham á sua retaguarda, chamou a sua attenção para os taes typos, dizendo:

— Vejam! Vejam, só! Esses individuos são gente do Pulcherio.

A essa voz, as pessoas presentes retiraram-se e com ellas os taes individuos.

Apague a luz!

No momento em que o barulho, no recinto do Club Militar, era mais intenso, o general F. correu para o administrador do Club, gritando-lhe:

— Apague a luz!

O interpellado recusou-se terminantemente, mas viu-se obrigado a oppôr-se pessoalmente, porque o general, numa excitação tremenda, tentou, elle mesmo, levantar a chave que poria todo o edificio do Club Militar ás escuras.

Este facto era commentadissimo na avenida.

No palacio do Cattete — A reunião nocturna do governo

O Sr. marechal Hermes, depois de jantar em sua residencia da rua Guanabara, saiu para palacio, onde chegou ás 20 horas e 30 minutos.

Logo depois começaram a chegar os ministros Barbosa Gonçalves, Vespasiano, Lauro Muller, Alexandrino, Edwiges e Herculano, não tendo comparecido até ás 22 horas o Sr. Rivadavia Corrêa.

Conjunctamente iam chegando os Srs. Pinheiro Machado, Francisco Valladares, Joaquim Ignacio, Souza Aguiar, Silva Faro, coronel Pessoa, Dr. Pamplona, coronel Octilio Bacellar, general Fontoura, etc.

Reune-se o ministerio

A's 21 horas estava reunido o ministerio, na sala dos despachos, tratando dos graves acontecimentos.

A todo momento saiam portadores de ordens escriptas.

O movimento era extraordinario.

Ora saia o chefe de policia, ora o proprio commandante da Brigada Policial.

Um official saiu com uma carta urgentissima dirigida ao coronel Abilio de Noronha.

As ordens passavam todas directamente do salão dos despachos para os seus destinos.

As dependencias das casas civil e militar tinham as portas trancadas e guardadas.

Os officiaes da casa militar do Sr. presidente da Republica que o acompanhavam eram os Srs. major Junqueira, capitão-tenente José Felix, e os tenentes Leonidas e Euclydes Fonseca, seus filhos.

O 9.º batalhão marcha para guardar o palacio

Ainda estava reunido o ministerio, com a presença do Sr. Pinheiro Machado, quando chegou a palacio o 9º batalhão de infantaria do Exercito, que estava sob o commando de um capitão.

O batalhão foi mandado acampar no parque do palacio, sendo destacada uma companhia para guardar a ponte do mar.

As familias das immediações do Cattete sobresaltadas

O movimento de forças sobresaltou sobremodo as familias moradoras nas cercanias do palacio do Cattete.

Muitas senhoras appareciam ás janellas amedrontadas.

Muitas familias abandonaram mesmo as suas residencias, procurando fugir daquelle ponto.

O governo é inteirado dos acontecimentos do Club Militar

Logo depois dos successos do Club Militar, chegaram a palacio alguns officiaes do Exercito, á paizana, que foram immediatamente introduzidos no salão, dando conhecimento ao Sr. marechal Hermes do que se havia passado no Club.

O chefe de policia em palacio

A's 22 e meia horas approximadamente chegou a palacio o Sr. Dr. Francisco Valladares, chefe de policia.

S. Ex. immediatamente foi introduzido no salão onde estava reunido o ministerio, sob a presidencia do Sr. marechal Hermes.

As ruas das immediações do Cattete são patrulhadas

O 9º batalhão de infantaria, ao chegar a palacio, distribuiu immediatamente diversas patrulhas.

Todas as ruas da immediação do palacio começaram desde essa hora a ser percorridas por patrulhas de armas embaladas.

O palacio do Cattete communicou-se semaphoricamente com a esquadra

A's 22 e meia horas dous soldados, da ponte dos fundos do palacio do Cattete, faziam signaes semaphoricos para os navios da esquadra, por meio de fogos de bengala.

De bordo esses signaes eram correspondidos com identicos fogos de côr verde.

Os ministros providenciam pessoalmente

Pouco antes de 23 horas o Sr. Lauro Muller saiu do palacio.

Solicitámos de S. Ex. alguma informação.

— Nada de maior.

— Mas a reunião ministerial...

— Estivemos palestrando sobre os acontecimentos.

— Fala-se no estado de sitio...

— Cá fóra. Lá dentro não se falou nisso. Até já.

E o Sr. Lauro Muller saiu para á sua secretaria, devendo voltar logo.

O Sr. Alexandrino de Alencar tambem saiu. A mesma solicitação fizemos.

— Nada de mais.

— Mas V. Ex. volta, não?

— Sim. E' possivel.

A's 21 horas voltou a palacio o Dr. chefe de policia.

A's 21.30 chegava o general Souza Aguiar, que havia saido para verificar si as ordens tinham sido cumpridas a risco.

O coronel Pessoa, que tambem saira, não havia voltado ainda.

S. S. estava dando ordens no quartel dos Barbonos.

A essa hora começava a concentração da Brigada Policial.

O movimento do palacio do Cattete

Os diversos ministros voltaram ao palacio do Cattete pouco depois de 11 horas da noite. Os unicos que não sairam foram os Srs. Herculano e Vespasiano. Os Srs. commandante da Brigada e chefe de policia tambem voltaram a palacio, onde permaneceram.

A's 11 e meia chegou ao Cattete uma secção do 13.º regimento de cavallaria, de armas embaladas. Essa força ia dividir-se em patrulhas para guardar as immediações do palacio.

A noite é agitada

Todos os corpos da guarnição em pé de guerra

Todos os corpos da guarnição desta capital, que estavam de sobreaviso, receberam ordem de ficar na mais rigorosa promptidão.

Toda a officialidade foi chamada a postos, mas nem todos os corpos estão com seus effectivos de officiaes completos.

A guarda de palacio é reforçada com o 9. batalhão

A's 10 horas da noite chegava ao palacio do Cattete o 9.º batalhão de infantaria, aquartelado no antigo Arsenal de Guerra.

O 9º batalhão atravessou a parte central da cidade silenciosamente.

Ao chegar á Lapa, o batalhão se fraccionou. Parte seguiu pela rua da Lapa e outra parte tomou a praia da Lapa.

O batalhão ensarilhou armas no parque do palacio.

O 9º batalhão chegou ao palacio do Cattete commandado pelo capitão Jacintho Leal, quando o devia ser por um major.

A Brigada Policial de promptidão

A's 21 horas, quando chegámos ao edificio da Brigada Policial, á cata de notas, apezar do movimento de forças que se notava no pateo interior, não havia ... ordem de vedar a entrada ás pessoas ... nhas no quartel.

O Sr. coronel Pessoa conferenciava ... vadamente com os commandantes dos ... pos sob o seu commando e com seus ... dantes de ordens.

O Sr. coronel Pessoa retirou-se ... pois do quartel dos Barbonos, cuja ... da ficou impedida ás pessoas estra...

Diversas companhias achavam-se for... e de armas embaladas no pateo do ...

Rigorosa promptidão?

Quando acabou a abortada reunião ... Club Militar correu rapido a noticia de ... o governo ordenára uma rigorosa promp... dão em todos os corpos do Exercito.

Os couraçados conversam muito durante a noite

Desde o começo da noite os coura... «Minas» e «S. Paulo», mantiveram-se em ... lestra» por meio de signaes luminosos ... graphicos.

Pessoa que conhece o alphabeto ... póde perceber que os dous «dreadnoughts» usavam, de permeio com palavras com... signaes que deviam ser os do Codigo ... Armada.

O «S. Paulo» dizia, por exemplo, ... «apparelhos»... «sim»... «até».

O «Minas» respondia «muito bem»... ... «assim»... «recebemos».

Estas e outras palavras trocadas ... «dreadnoughts», como dissemos, eram ... mittidas entre letras soltas, pontuação, ... terrogações, etc., usados nos codigos ... graphicos secretos.

Os holophotes funccionaram toda a noite

Os holophotes da fortaleza de Villegagnon, onde se acha aquartelado o ... de marinheiros nacionaes, durante a ... funccionaram sobre a cidade e sobre ... coradouro dos navios.

Os navios de guerra fundeados ... projectaram tambem sobre a cidade, ... damente sobre o Cattete e immediações.

A praça da Gloria

Na praça da Gloria achava-se postado ... piquete de cavallaria da Brigada Pol...

Outro aspecto do povo em frente ao Club.

O 1.º de cavallaria manda ... praças para o Quartel General

Logo que começou a movimentação de for... ças do Exercito, do quartel do 1º regimento de cavallaria, em S. Christovão, saiu ... força de 100 praças, completamente equipa... das e municiadas.

Essa força entrou no quartel general, ... de ficou aguardando ordens.

Guarda-freios da Central ... greve?

Pouco antes das 23 horas estiveram na estação Central o capitão Junqueira e o tenente Euclydes da Fonseca, da casa militar do Sr. presidente da Republica.

Esses officiaes estiveram interrogando ... agente da Central sobre o boato de ... gréve de guarda-freios, que teriam toma... uma attitude hostil.

Foi-lhes informado que nada havia de ... dade a respeito.

O 1.º regimento de cavallaria desce para a cidade

Cerca de 11 horas da noite o 1º regi... mento de cavallaria desceu de São Chris... tovão, onde tem o seu quartel, para a ... dade, recolhendo-se ao Quartel General.

Uns «vivas» na Cidade Nova

O centro da cidade apresentou durante ... noite um aspecto pouco mais animado ... que normalmente. Na Cidade Nova, porém, algumas ruas foram percorridas por grupos de populares que erguiam vivas á revolução.

A policia se concentra nos Barbonos

A's 22 horas, o 2º batalhão da infantaria da policia, aquartelado em São Clemente, desceu para a cidade, indo concentrar-se ... quartel dos Barbonos.

O 2º batalhão desceu com tres metralhadoras.

Dos outros quarteis da policia, situados em varios pontos da cidade, foram transpor... tados em caminhões diversos contingentes que ensarilharam armas nos Barbonos.

ULTIMAS NOTAS

A's 21 e meia o agente da estação do Meyer fez descer os passageiros de um trem de suburbios, fazendo embarcar para a Central trezentas praças de policia.

— Pouco depois das 21 e meia chegou ao Cattete uma força de marinheiros nacionaes.

— O governo ás 21 e meia continuava reunido no Cattete. O Sr. general Vespasiano, saiu a esta hora, constando em palacio que o governo tinha resolvido mandar prender todos os officiaes que estiveram na reunião do Club Militar.

Cerca da meia noite o Sr. marechal Hermes assignou o decreto declarando o estado de sitio no Districto Federal

Eis o que se passou na tragi-comica ... de 5 de março. O governo tinha domina... não a revolução, que era mais do que ... pothetica; mas a consciencia nacional ... parecia despertar contra as miserias que ... punemente se praticavam.

Um intermezzo de riso

A censura a A NOITE

A censura policial foi a mais completa revelação da especie de policia que tem o Rio de Janeiro.

Aliás, a nossa surpresa, si grande, não foi enorme; afinal de contas ninguem poderia esperar que um governo como esse tivesse capacidade de organisar uma policia que não fosse digna de si.

Tal governo, tal policia.

Os delegados que faziam a censura aos jornaes gabavam-se de ser a fina flor da classe.

Elles costumavam dizer que o chefe os escolhera a dedo, como os mais capazes de exercer funcção tão delicada e importante, como essa de garantir o prestigio do governo, impedindo que os jornaes mettessem á bulha o marechal.

Infelizmente não tomámos nota dos innumeros episodios occorridos com os delegados que fizeram censura a A NOITE. Alguns, porém, os poucos de que nos recordamos, dão bem a idéa da especie de gente que o Thesouro Nacional paga para velar pela segurança publica.

No primeiro dia de censura, após o reapparecimento desta folha, o delegado impediu que publicassemos uma reclamação de operarios da Prefeitura de Nictheroy, pedindo ao tenente Sodré — já nem era mais o tenente Sodré o prefeito — ao tenente Villa Nova que lhes mandasse pagar salarios atrazados. Esse delegado preferiu que mettessemos o formão na folha, e nella saisse um grande trecho em branco, a que as instituições e o prestigio do governo fossem ameaçados com a reclamação dos operarios da Prefeitura de Nictheroy.

No dia seguinte, muitos leitores que tinham visto aquelle grande trecho em branco, suppuzeram que tivesse occorrido por ahi algum facto gravissimo que a policia impedira que publicassemos. E era com incredulidade que elles recebiam as nossas explicações. Afinal, as origens do caso nos foram conhecidas; o delegado era politico apaixonado no Estado visinho, e considerava que a censura lhe punha nas mãos o direito e autoridade para servir aos interesses dos seus amigos.

Um outro joven delegado, logo nos primeiros dias da abertura do Congresso, entrou-nos afobado pela typographia a dentro, e, antes de tirar o chapéo, foi dizendo:

— Olhem, nada de Ruy Barbosa; nem o nome...

— Nem o nome, doutor? Como havemos de noticiar que elle está falando no Senado? O senhor deve estar enganado. Com certeza as ordens são para não se publicar o resumo do discurso.

— Não, senhor... Nem o nome. Acabo de estar com o chefe, que me deu terminantemente esta ordem.

Nesse dia, na noticia da sessão do Senado, os leitores leram o seguinte: «Na sessão de hoje um senador proferiu um discurso.»

Foi tudo quanto nos concedeu o delegado.

Mas, essa mesma autoridade ainda fez cousa melhor. Nesse mesmo dia, havia uma reclamação de um frequentador de cinemas, contra o pianista de uma dessas casas de diversão, que levava uma parte toda do programma a fazer «tem,tem... tam... tem, tem... tam... » e assim acabaria fazendo neurasthenicos os espectadores.

Quando o delegado chegou á leitura desse ponto, estacou e disse: — «Isso não póde sair...»

— «Por que, doutor?»

— «Os senhores pensam que me enganam? Esse pianista é o Ruy Barbosa, e o piano é o Hermes; isso é uma allusão... Os senhores querem dizer que bem andava o Ruy dizendo que o governo do marechal seria isso que ahi está.»

Tivemos impetos de esganar a autoridade e fazer-lhe ali mesmo a celebre operação da glandula thyroidéa, mas, qualquer demora atrazaria o jornal e era preciso que o convencessemos por boas maneiras.

— «Qual allusão, doutor; isso é uma illusão da sua parte.»

O delegado achou muita graça no trocadilho, e, depois de exigir do redactor de plantão, seu velho conhecido, a palavra de honra de que não havia na historia do pianista allusão nenhuma ao governo, consentiu na publicação.

Felizmente essa autoridade só fez censura uma vez.

Um outro delegado, encontrando na folha uma innocente pilheria com o Sr. senador Pinheiro Machado, chamou o redactor de plantão em particular, e fez-lhe a seguinte proposta:

— Vocês vão me tirar isto. Não tem, aliás, nada de mais; mas eu sou amigo particular do Pinheiro, devo-lhe, entre outros favores, este logar, e tenho medo de que elle saiba que eu consenti em pilherias com o seu nome. Tirem-me isto, e, em compensação, eu deixo vocês dizerem o que quizerem do Hermes. Tomara eu até que vocês o descomponham á vontade. Antes de ser delegado, sou brasileiro. Mas, façam-me este favor, troquem esta pilheria por outra cousa qualquer.»

Fizemos o favor ao patriotico delegado; isto é, fizemol-o em parte; retirámos a pilheria e a substituimos por uma noticia qualquer. Não tinhamos stock das ultimas de sua excellencia.»

Uma outra juvenil autoridade, este, aliás, goza entre os seus collegas da fama de ser o mais cretino de quantos têm passado pelas delegacias do Rio — imaginem a força desse homem! — entrou um dia pela officina, de chapéo á cabeça, e já muitos dias depois da concessão do «habeas-corpus» concedido ao Sr. Ruy Barbosa, correu no telephone, e travou o seguinte dialogo com um superior hierarchico:

— «Doutor, estou fazendo a censura d'A NOITE. Quaes são as ordens?»

— . . . . . .

— E os debates parlamentares? Posso deixar sair?

Este só fez censura duas vezes. Da primeira, elle viera acompanhado de tres ou quatro individuos suspeitos, uns «pouca roupa», e dividiu com elles a censura. Cada um — parece que um era o ordenança á paizana — leu uma pagina e mandou o delegado pôr o «visto».

Depois, não nos appareceu mais; constou-nos que foi exonerado, ou pediu demissão, ou foi licenciado.

Quem sabe si elle não foi a Paris urgentemente fazer a tal operação da glandula?

Ainda um outro caso. No numero de 11 de junho saiu nesta folha um artigo do Sr. almirante Pestana, rememorando o feito de armas de Riachuelo. No final do seu artigo, o almirante depois de citar os nomes de varios heróes, destacou um, a quem se referiu mais ou menos nestes termos: — Infelizmente o governo de então não galardoou os seus serviços e o seu valor, etc...

O delegadinho botou o dedo com o anel de bacharel em cima desse trecho e sentenciou: — Isso não póde sair; é uma censura ao governo...

— Mas, doutor, é ao «governo de então»: é ao governo daquelle tempo, ao governo da guerra com o Paraguay, que — percebemos — não tem nenhum laço de solidariedade com o actual.

— Sim, mas sempre é um ataque ás autoridades...

Foi preciso que gastassemos grande dóse de energia para convencer o [illegible] de que a censura ao «governo de então», sairia mesmo, ainda sem o seu «placet». Porque, positivamente, era de mais!

Este delegado que entre nós ficou sendo conhecido pela alcunha de «governo de então», tinha uma curiosa mania: lia a pagina de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, e só depois de se concentrar durante uns dez minutos, a rubricava, com a mão tremula.

Com essa mesma autoridade deu-se ainda este episodio. A proposito da descoberta de jazidas de petroleo em Alagoas, o nosso caricaturista fizera uma «charge», em que se via o coronel Clodoaldo a conversar com um sujeito qualquer. Por baixo estava uma legenda mais ou menos assim:

— Cuidado, coronel. Cuidado com os nossos amigos do norte.

Pois o delegado prohibiu a legenda. Por que?

— Porque — disse elle — podia-se pensar que A NOITE estava comparando o Brasil ao Mexico!

Havia ainda personagens sagrados só para alguns delegados; um delles era o Sr. conde de Frontin. Uma vez, um implicou com uma local em que condemnavamos os esbanjamentos do Sr. director da Central. Como já era tarde e a nota já estava na pagina e para retiral-a teriamos que fundir novo cliché — porque a policia já não queria trechos em branco —; e essa fundição nos traria um grande atraso, resolvemos usar de um «truc»: chamámos o delegado em particular e dissemos-lhe ao ouvido:

— Doutor, o senhor nos força a revelar um segredo profissional. Mas, desde que o senhor nol-o obriga, vá lá. Esta nota foi escripta a pedido de um membro do governo. Como o senhor sabe, o governo quer fazer economias; mas, não ha meios de se pôr um paradeiro á megalomania do Frontin. O governo quer, pois, por meios indirectos, que a imprensa o ataque e o chame á ordem.

Essas considerações não só demoveram o delegado da sua resolução, como nos proporcionaram ouvirmos da boca da innocente autoridade a mais tremenda e documentada catilinaria, que jámais ouviramos contra o Sr. director da Central e que publicaremos em capitulo á parte.

Outro cavalheiro em situação privilegiada era o Sr. deputado Cunha Vasconcellos. A benevolencia dos delegados para com esse senhor era tal que elles prohibiam terminantemente que se publicasse o nome do reptil com que o vulgo costuma apellidar S. Ex.

Mas, havia outros casos de privilegio pessoal mais curiosos. Foi, por exemplo, prohibido aos jornaes noticiarem a «suites» daquelle caso de suicidio de um moço em uma grota do morro do Barro Vermelho.

O Sr. 1.º delegado auxiliar chegou a mandar o delegado de censura prohibir que publicassemos a noticia de um roubo soffrido por uma meretriz, porque esta fôra lhe pedir que tal fizesse. A noticia só saiu porque já era tarde para o fazermos, e porque lembrámos ao delegado que, si o fizessemos, ficaria o trecho em branco, em contrario ás disposições policiaes.

A' ultima hora, e já quando o nosso jornal estava quasi no prélo, o Sr. chefe de policia telephonou ao delegado de censura, mandando-lhe que retirasse da pagina a noticia — si houvesse — do anniversario natalicio de sua senhora.

O delegado, muito pallido e commovido, pez-nos a par da ordem do seu chefe, exigindo que fundissemos novo cliché. Como a noticia, porém, só occupasse duas linhas, elle generosamente consentiu que a tirassemos a formão. Um novo cliché nos traria pelo menos uma hora de atraso!

Mas, não havia só pessoas sagradas; havia tambem adjectivos que não podiam ser publicados. Cretino, imbecil e inconsciente — por exemplo — eram severamente prohibidos. Quando os delegados iam lendo qualquer cousa e deparavam com um termo destes, estacavam e via-se que o rubor lhes invadia as faces. Si a noticia não estava em termos claros, elles exigiam explicações:

— Qual é esse imbecil, — cretino ou inconsciente — a quem os senhores se referem? Não ha ahi nenhuma allusão ao marechal?

E era uma difficuldade convencer-se o delegado de que ha pelo mundo milhões e milhões de imbecis, cretinos e inconscientes.

Um «éco» em que tratavamos da descoberta de um medico francez, que cura a cretinice, operando a glandula thyroydéa, esteve muitos dias preso por ordem dos delegados de censura.

E' claro que havia excepções; e que durante estes longos mezes tivemos occasião de travar conhecimento com moços intelligentes e criteriosos, e a quem certamente espera uma brilhante carreira. Mas, os outros, coitados — não chegavam a nos irritar porque nos causavam dó. Quasi todos viviam a lamentar a sua situação, arriscados a perderem o emprego, o pão de sua mulher e de seus filhos, por um simples accesso de máo humor do marechal presidente, do ministro da Justiça e do chefe de policia. Mais de uma vez, e mais de um nos disse:

— Os senhores me desculpem. Eu preciso deste emprego, e qualquer cousa que desagrade o governo póde acarretar a minha demissão e até mesmo cousa peor.

E elles contavam então o que acontecera ao delegado Edgard Pahl, que por causa de um artigo publicado no «Imparcial», fôra demittido e só não fôra mettido no xadrez, do seu districto (!) porque o Sr. chefe de policia conseguira demover o ministro da ordem terminante que neste sentido lhe dera.

O nome do Sr. Herculano então, causava um verdadeiro pavor aos delegados, que diziam, quando viam qualquer referencia a esse pittoresco ministro:

— Pelo amor de Deus! Tirem isto! Vocês não imaginam quem é o Herculano; nem podem calcular quanto elle é cavaquiata e vingativo. Qualquer pilheria dos jornaes fal-o perder a cabeça.

E foi assim que supportámos esses longos mezes, esmagados pela imbecilidade de uns e pela pulhice de outros.

Até hontem a censura nos perseguiu implacavel. O suave mancebo que leu a nossa folha antes de ser distribuida achou inconveniente o seguinte trecho da entrevista que nos foi concedida pelo Sr. ministro Pedro Lessa, trecho que não era sinão a transcripção pura e simples do que S. Ex. publicára já na "Revista do Supremo Tribunal":

Apenas notarei que foi depois que o Supremo Tribunal Federal, no desempenho de suas funcções constitucionaes, teve necessidade de proferir decisões contra varios actos illegaes, e não poucos criminosos, do presidente da Republica, que se lembraram de formular este projecto, este singular projecto. Como bem lembrou o Sr. Ruy Barbosa, querem a responsabilidade sómente para os juizes; pois, a responsabilidade do presidente da Republica, já definida em lei, nunca se fez effectiva, e a dos senadores e deputados, que consiste na repulsa pelas urnas, não existe em nosso paiz, onde as eleições são manipuladas por influencias politicas illegitimas, e a vontade dos eleitores, [illegible] manifesta, é immediatamente annullada pelas depurações nos dous ramos do Congresso.

"Essa ignominia que se praticou contra o Ceará livre não deve, não póde, não ficará impune!" — diz-nos o Sr. Franco Rabello

O que nos disse mais o governador deposto

— Que preciso mais dizer sobre esse crime que se praticou contra a Republica? — começou o Sr. coronel Dr. Franco Rabello.

Coronel Franco Rabello

— Que tenho a adeantar sobre as multiplas phases dessa ignominia que fulminou o Ceará, suffocando, finalmente, em muito sangue e em tantas lagrimas, a alma do seu povo heroico? Está tudo conforme se queria do alto... A mim, como a todo o Brasil estatellado, desde o começo da farça, a obra do governo federal causou tal assombro, que até hoje tudo me passa pelo cerebro como um sonho, um desses sonhos terriveis, irrealisaveis, dos quaes só nos fica a impressão má. A maneira clara, positiva, desabrida e até ostentosa por que o governo da União timbrou em leval-a ao termo infeliz, chega, de facto, a produzir essa magia nos espiritos mais fortes.

De forma que, falando a V., agora, sobre o Ceará, a desventurada terra, hoje entregue ao supremo arbitro do jagunço, faço-o como que contando um sonho, um pesadello.

Pela leitura do protesto que daquelle Estado enviei ao Sr. presidente da Republica, a nação já ficou inteirada do que foi aquelle tenebroso periodo da vida, não apenas do Ceará, mas de toda a Republica.

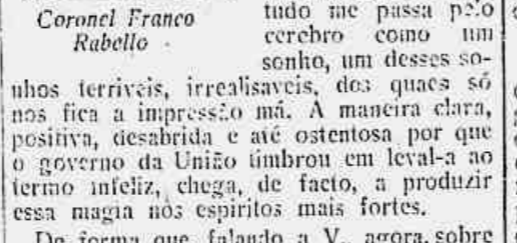
O governo federal, partidario do P. R. C., a cujas fileiras eu não me quiz alistar, fez isto, em rapido resumo: armou facinoras e fanaticos, importados do Rio Grande do Norte, e Parahyba, contra o meu governo, cuja legalidade até então reconhecera, prestando a essa gente chefiada por elementos estranhos ao Ceará todo o apoio moral e material durante a luta. Ao principio, ignoravamos a existencia do plano sinistro.

Enviei forças contra os rebeldes, que foram victoriosos no primeiro encontro, graças não só aos grandes recursos de que dispunham e que lhes foram enviados daqui, como tambem a uma fraqueza do commandante da policia estadual.

Depois, comprehendemos a situação: a rebellião era do governo federal, contra um Estado da Federação! Os jagunços, por isso, tinham tudo, emquanto as forças legaes, nem podiam locomover-se, pois era difficultada, propositadamente, a sua marcha. As estradas de ferro recusavam, por ordem do ministro da Viação, a transportar os meus soldados, mesmo pagando as respectivas passagens á boca do cofre! Mais claro ia-se delineando aos olhos do paiz o plano diabolico. Um bello dia, o chefe visivel da insurreição obteve as honras da franquia telegraphica; passava para aqui, para Fortaleza, etc., os seus telegrammas revolucionarios taxados como officiaes! Que haviamos mais de querer?

Em certa occasião pedi o auxilio do governo federal.

Si este me attender — pensei eu — o seu acto servirá mais para manifestar um certo apoio ao meu governo e uma formal reprovação ao ajuntamento de Joazeiro. Isso mesmo diziam os rebeldes, que chegaram a declarar deporiam as armas, no caso do governo federal, por um acto qualquer, manifestar, mesmo indirectamente, a sua reprovação ao que estavam praticando. Mas qual! O que queria o governo da União era justamente o contrario: a base de toda a sua politica consistia em estimular os jagunços, alentar-lhes o instincto sanguinario contra o Ceará livre. E emquanto isso, os bandidos continuavam, cada vez mais fortes e audaciosos, na obra sinistra do morticinio, do saque e da deshonra!

O povo do Ceará, o povo altivo que me elegeu e para o qual jámais deixei de ser um soldado digno, um chefe honesto e moralisador, ao receber as noticias das multiplas infamias que se praticavam, tinha vibrações justissimas de patriotismo, e no enthusiasmo do momento, quantas vezes pretendia castigar os seus algozes, que em Fortaleza, ostensivamente dirigiam o movimento do padre Cicero! E hoje, quanto estou bem com a minha consciencia em poder assim falar! Lembro-me dos ingentes esforços que empreguei para salvar a vida desses meus adversarios desleaes para commigo e desleaes para com a Republica!

A mim devem elles o terem sido poupados deante da ira popular.

Até naquelles momentos difficeis por que passou o governo cearense, não deixei de cumprir os deveres que a minha consciencia sempre me impoz, e disso me não arrependo hoje.

Continuando, o Sr. coronel Franco Rabello fala sobre a conducta do Sr. Setembrino de Carvalho.

— Ah! o senhor hoje general Setembrino! S. Ex. era mesmo o homem para a occasião! Era o homem que, de facto, podia servir á causa do governo federal!

Como elle ninguem.

Outro official do glorioso Exercito não desempenharia o papel, na farça, com egual galhardia e sobretudo com o desassombro do soldado obediente, automatico ás ordens que vêem dos seus superiores politicos. S. S. foi completo; e nada deixou de pôr em pratica na defesa dos sagrados direitos... do P. R. C.

Ninguem que chegava á Fortaleza tinha animo de affrontar a opinião popular e S. S. affrontou. Quando chegou, como «anjo da paz», Fortaleza recebeu-o com flores e com carinhosas homenagens.

Mas nada disso commoveu o coração feroz e impedernido: S. S. poz tudo de lado, para cumprir o sagrado dever que consistia unicamente em apear-me do poder.

O Sr. Setembrino foi fórte e deu o golpe fatal contra a autonomia do Estado, na qualidade de mandatario do governo central.

Os clamores das victimas dos sertões, os gritos da familia cearense deshonrada, a lembrança do inolvidavel republicano J. da Penha, capitão do Exercito brasileiro, trucidado em Miguel Calmon — nada disso póde perturbar o somno do verdadeiro soldado que hoje dorme sobre os louros que colheu, á custa de muito heroismo!... Seja feliz o senhor hoje general Setembrino!

Interrogámos o Sr. coronel Rabello si pretende voltar ao Ceará. S. S. respondeu:

— Pois não!

Considero-me governador do meu Estado até que termine o quatriennio para o qual o povo cearense me elegeu. Fui deposto violentamente pelo governo federal, e assim espero na justiça do paiz o remedio que virá, estou certo, em defesa da Federação, da autonomia dos Estados, da honra da Republica ultrajada. Esperava apenas terminar o estado de sitio para recorrer ao Egregio Supremo Tribunal, no caso de ser approvada pelo Congresso a intervenção no Ceará, que nem por isso deixa de ser inconstitucional.

— E tem esperança que decida a seu favor o Supremo Tribunal?

— Sim, pois não pretendo que seja annullada a intervenção; o que quero é que sejam reparados os damnos que ella me causou.

— E si, nem na justiça do paiz, encontrar V. Ex. essa defesa?

— Nada posso dizer-lhe, porque a minha acção dependeria nesse caso das circumstancias do momento, da combinação de idéas entre os meus amigos.

Uma cousa, porém, posso garantir a V.: o povo do Ceará, em hypothese alguma, admittirá a volta da oligarchia que tanto o infelicitou, que tanto o deshonrou. A situação que domina agora no meu Estado não póde manter-se: o seu poder é ephemero, deante da vontade soberana daquelle povo altivo, forte e valoroso, que saberá pugnar convenientemente pelos seus ideaes. E, a bem da Republica, em defesa da nossa honra, para a salvação dos nossos creditos, dos nossos brios — termina o Sr. Franco Rabello — esse crime, essa ignominia que se praticou contra o Ceará livre, não deve, não póde, não ficará impune!

Até sobre as caçadas do Sr. Roosevelt foi prohibido falar!

O zelo das autoridadesinhas de policia, incumbidas da censura nos jornaes, chegava ás vezes a cumulos inesperados.

Certa vez fomos prohibidos de publicar o seguinte innocentissimo «suelto»:

Noticias chegadas da zona interior do Brasil, cujo exacto reconhecimento o coronel Theodor Roosevelt anda fazendo, dão curiosos pormenores sobre as caçadas desse famoso estadista "yankee".

Os leitores pensarão talvez que o corpulento Nemrod está dizimando a tiros certeiros toda a caça que o Sr. capitão Henrique Silva, com paciencia de sertanista, reuniu em um recente volume.

Nada mais falso, no entanto; e nem é por este lado que offerecem interesse as notas chegadas ao nosso conhecimento sobre a expedição.

O que ha realmente de notavel é o empenho dos nossos patricios, que acompanham o Sr. Roosevelt, com o Sr. Rondon á frente, em cercar a caça, reunil-a, amontoal-a, por assim dizer, junto ao cano da espingarda do nosso hospede.

E quando acontece que alguma gorda capivara ou pesada anta passa ao alcance certo do tiro de alguem que não seja o ex-presidente americano, esse feliz caçador deve cruzar os braços, cumprimentar a caça e enxotal-a depois, como si fosse uma modesta lebre, para as bandas do Sr. Roosevelt.

E assim com essa prohibição de se matar as caças que se não dirigirem directa e espontaneamente ao cano da espingarda do nosso illustre visitante, que nos sertões tem dado provas de ser melhor estadista que atirador, estamos dando ao mundo um exemplo de requintada hospitalidade, digno de ser communicado a todos os povos, "ad eternam rei memoriam".

A protecção ao Sr. Sodré

Durante algum tempo os bachareis incumbidos de fazer a censura desta folha tinham recommendações muito severas quanto ao Sr. Feliciano Sodré, candidato dos governos federal e estadual ao governo do Rio de Janeiro. De uma feita, um dos nossos impagaveis censores impediu a publicação do seguinte «éco»:

Os grandes planos de remodelação e saneamento da cidade de Nictheroy, cujo começo de execução serviram ao nome do tenente Sodré a ponto de servirem de pretexto á sua candidatura á presidencia do Estado, vão, infelizmente, ao que se diz, soffrer uma solução de continuidade.

Quem percorre as ruas da visinha capital percebe isso, observando, com o coração cortado de magua, a paralysação dos trabalhos da canalisação de aguas, melhoramento grandioso que, por emquanto, até que recomece a faina benefica, não vae além dos calçamentos levantados e esburacamento das ruas, obras que se fizeram necessarias para que a agua, em jórros, caisse das bicas, como foi promettido.

A saida do tenente Sodré deixou a Prefeitura entregue ao seu cunhado, Dr. Villa Nova Machado, que, além daquelle serviço, paralysou outros, dispensando grande numero de operarios e em risco de ir até á dispensa dos engenheiros militares que o seu antecessor conseguiu attrair para os trabalhos dos começados remodelamentos.

Não pára, ahi, entretanto, a politica de economia que está sendo levada a effeito pelo tenente Villa Nova. Uma serraria a vapor, montada a capricho para acudir ás necessidades da remodelação da cidade, acaba de ser vendida por duzentos contos.

Commentando esses factos, é justo não julgar com severidade o novo prefeito, porque este, ao que se diz, tomando conta dos cofres municipaes, não encontrou nelles numerario para enfrentar os grandes compromissos assumidos pelo seu antecessor.

Este, por sua vez, não tem culpa de que, antes da conclusão das obras projectadas, se tenha acabado a dotação de vinte e dous mil contos do emprestimo inglez.

E' certo que Nictheroy continúa sem esgotos (custa acreditar!), sem um completo abastecimento d'agua e totalmente vasios os cofres da Prefeitura.

O Dr. Caio Monteiro de Barros, um dos «desordeiros contumazes» que mereceram prisão, narra-nos o que ella foi

— A reunião do Club Militar era anciosamente esperada por mim, como por toda a gente. Acreditavamos que homens, que tinham soldados, canhões, metralhadoras, carabinas e francamente condemnavam os processos do governo, gritavam contra os Srs. Hermes e Pinheiro Machado, tivessem a intrepidez de fazer alguma cousa de efficiente contra o caudilhismo do «minhocão» do morro da Graça e seu curatellado, que enche a curul presidencial. Foi uma decepção, entretanto, o resultado da reunião.

Dr. Caio Monteiro de Barros

Os apaniguados do governo, não podendo executar *in totum* as suas sinistras intenções, segundo foi affirmado, quasi levando a effeito o assassinio de officiaes conhecidos pelas suas idéas anti-governistas, perturbaram a reunião, lançaram a desordem em seu seio e impediram o proseguimento dos trabalhos. E, ali, a maioria conformou-se com isso... Ficou tudo como d'antes.

Eu achava-me com amigos e correligionarios junto ao Club Militar. O povo, desprezando os esbirros de policia e a capangagem do governo, que andavam em profusão, vibrou indignado contra a situação, erguendo «vivas» á Republica, aos officiaes independentes e «morras» ao caudilhismo».

A attitude da massa popular era sempre cheia de enthusiasmo. Menna Barreto foi acclamado, da mesma fórma que Mendes de Moraes, Thaumaturgo, Coriolano, Paulo de Oliveira e outros officiaes. Dispersava-se a reunião. A' porta do Club, com duas praças, assomou um dos desordeiros e asseclas do governo, e, erguendo ao marechal um roufenho «viva», que, aliás, morreu sem éco, dirigiu-se para fóra, dizendo: — «soldados! — espalha esta canalha! Quem é homem que chegue!» (O homemsinho, que parecia embriagado, era secretario do marechal até na syntaxe!) Populares avançaram para o «valiente», mas este, num instante escafedeu-se, não apparecendo mais. A multidão ia se retirando. Em frente á Bibliotheca Nacional deu-se outro facto: Populares avistaram o Sr. Edwiges de Queiroz, cuja ferocidade, dobrez e reconhecida nullidade tanto o recommendaram ao governo. Impedi que lhe dessem uma sóva, o que era ardente desejo dos populares exaltados. Os factos da noite e boatos que corriam exigiam de nós uma attitude esclarecida. Affirmava-se que o Sr. Menna Barreto fôra até aggredido no Club Militar. Eu, o major Paulo de Oliveira e outros fomos á sua casa. O velho republicano mostrava-se cheio de vehemencia. No Club Militar, de revólver em punho quasi, detivera a onda de asseclas que antepunham os seus inconfessaveis interesses aos da Republica e do povo.

Cerca de 1 hora da madrugada, «A Epoca» foi cercada e invadida pela policia. Ahi me achava. Fomos presos, eu, Piragibe e Campos de Medeiros, seguindo para a Repartição da Policia, acompanhados pelo deputado Irineu Machado. O nosso automovel era guardado pelo delegado Moraes e alguns esbirros. Na praça Tiradentes, Campos de Medeiros póde escapar-se. Houve uma confusão com seu irmão, o nosso amigo Dr. Mauricio de Medeiros. O casarão da policia estava ás escuras quasi. Irineu Machado despediu-se á porta e eu e Piragibe subimos, acompanhados por grande cortejo de beleguins. O Dr. Chiquinho Pacheco das Chagas Valladares tambem subia as escadas. Em cima, enfrentámo-nos todos. O fecundo jornalista «perrecista», cujo immenso talento cada vez mais se esconde «lá dentro, no fundo, no rico e povoado fundo de seu ser», passou por nós ufano e exuberante de sua importancia. Rebentava! Mostrei-o ao Piragibe e recuámos para o lado.

O Sr Macedo Soares já se achava na segunda auxiliar, entregue ao Dr. Ferreira de Almeida. Este delegado dispensou-nos da revista, sob palavra de que não estavamos armados. Um delegado caceteava-nos com a parlapatice de que fôra educado na escola politica do Sr. Rosa e Silva. Nós os presos nos entreolhavamos. Fresquissima escola!

Horas depois, fui conduzido para a sala dos agentes. Estiveram presos commigo Vicente Piragibe e os Srs. tenente Plinio de Carvalho, Macedo Soares, Dr. Castello Branco, João Schmidt e Leal de Souza, da «Careta»; Francisco Velloso, commerciante; Marques da Sylva, d'A NOITE; Dr. Pinto da Rocha, secretario do P. R. L., e um pharmaceutico da casa Silva Araujo, detido por ter dado escapula ao Dr. Pinto da Rocha, que ali estava preso! Piragibe e o Sr. Macedo Soares reclamaram camas. Mandaram-nos macas sujissimas. O dia, passámol-o de sentinella á vista, incommunicaveis. O Dr. Chiquinho foi visitar os presos. Entrou na sala retezado, a testa enrugada, o sobrecenho carregado, sob o peso das suas «immensas» responsabilidades. Tive receios de que elle estourasse e a ordem perdesse o seu precioso esteio. De quando em vez, algum esbirro ou supplente idiota mettia a focinheira á porta para espiar-nos. Havia numa sala proxima grande numero de presos. As medidas de compressão estendiam-se. Eram moços quasi todos que na vespera me haviam feito uma manifestação na rua do Ouvidor. Achei um pretexto e, acompanhado da sentinella, penetrei na prisão dos rapazes. Levei-lhes minha palavra de animação.

Mas, que destino nos daria o governo? A permanencia naquella prisão era impossivel. A's 11 horas da noite, transferiram-nos para os Barbonos; dahi, á 1 hora da manhã, mais ou menos, fizeram-nos mudar. Metteram-nos em automoveis e entregaram-nos ás autoridades do Arsenal de Marinha.

A policia, sempre covarde e pusilanime, jamais dizia o destino que seguiamos. Os biltres faziam tudo em segredo. Cercavam-nos de grande e inutil apparato bellico. Sentinellas, escoltas com armas embaladas, como si nos intimidassem com a sua positiva poltroneria.

Corria que o immoral e sanguinario governo do Sr. Hermes pretendia desterrar-nos para Tabatinga. Outros diziam cousas peores: alcançavam o nosso fuzilamento. E por que não admittir este ultimo intento, quando o governo marechalicio sempre foi capaz de todas as torpezas e de todas as infamias? Qual o artigo do Codigo Penal em cuja sancção já não incorreram os Srs. Pinheiro Machado e Hermes da Fonseca? Não supprimiram a liberdade de imprensa, de reunião, de pensamento? Não mandaram matar, fria e covardemente, protegendo depois os seus mandatarios? Não assalariaram capangas, protegeram gatunos contumazes e tomaram ás soldadas estrangeiros que, cathinisando o jornalismo, cobriram dos mais indignos doestos os brasileiros devotados á causa do povo e da Republica? A verdade é esta. O governo não praticou mais um monstruoso crime, não porque lhe faltasse a vontade, mas porque não encontrou instrumento para executar o seu diabolico intento. A Armada, o Exercito ou a Força Policial, qualquer delles não se prestaria a esse ignominioso papel. O feitiço viraria talvez contra o feiticeiro.

Naquella occasião, a torpeza do governo não parou ahi: seus asseclas, typos sem brio e sem sentimentos de humanidade, iam á minha familia, altas horas da noite, communicar que eu havia morrido. Perversamente, de quando em vez, levavam o sobresalto ao seio dos meus. Quanta covardia!

Cerca de 2 horas da madrugada, no Arsenal de Marinha, embarcámos em uma lancha. Seguiamos sem saber para onde, pela bahia em fóra, naquella hora cheia de trevas e de silencio!!!

Nenhum de nós perdeu a serenidade. Todos calmos. Absolutamente tranquillo, sempre encarei a minha situação. Quando entrei a combater os caudilhos e delinquentes que arruinam a Nação, roubam o Thesouro Nacional e matam a Republica, dispuz-me a todas as eventualidades.

Fiquei preso no «destroyer» «Matto Grosso». Ahi tambem ficou o Sr. Francisco Velloso. Passamos o resto da noite na sala d'armas. Dignos e distinctos os officiaes deste navio!

Estavamos em rigorosa incommunicabilidade. Pela manhã do dia 6, o commandante Amphiloquio Reis, chefe do Batalhão Naval, transportou-me para o «destroyer» «Paraná». Andava de Herodes para Pilatos.

Este navio estava em frente á ponte do Cattete, para acolher e dar fuga ao marechal de espada virgem, caso houvesse «qualquer cousa», em terra! O almirante Alexandrino, por ordem do «minhocão», era precavido: — garantia os fundos do marechal.

Estava ainda incommunicavel. Todos moços e cavalheiros, os officiaes do «Paraná»! Um punhado de jovens e nobres patricios dentre os quaes devo destacar um, que chegou á pôr em risco a sua situação, para cumprir as determinações de sua alma generosa e amiga. Vi e reconheci tudo a bordo. Assisti a experiencias de torpedos, visitei as machinas, deram-me explicações sobre canhões, signaes, emfim, tornei-me um individuo mais perigoso, consoante á phrase do governo, pela boca de um dos seus eunuchos.

Preso a bordo, os dias iam se passando... Uma noite, como os demais prisioneiros, fui retirado do «Paraná», e levado para o Arsenal. Ahi chegamos cerca de 11 horas da noite. Rigorosa incommunicabilidade. Sentinella á vista.

Eu e o Sr. Velloso fomos para o regimento de cavallaria da Força Policial. Lá ficámos separados um do outro, e com ordens de incommunicabilidade. Entretanto, com mais frequencia, pude receber a visita de minha familia.

No regimento, cercou-me geral sympathia. Officiaes, sargentos, soldados, todos davam-me inequivocas provas de sua solidariedade moral. Todos os que se manifestavam, eram contra o proprietario da ilha Francisca e o minhocão do Morro da Graça. E homens, que têm honra e brio, podem ser a favor desses dous typos, que são os expoentes da fraude, da violencia, da immoralidade, da mentira, da corrupção, do despotismo, que dominam, aviltam, e fazem a desgraça do paiz?

Passei cerca de dous mezes preso no regimento de cavallaria. Conheci toda a vida do quartel. Todas as manhãs, via dali sair o capim, e, de quando em vez, a alfafa e o milho, que, por conta dos cofres da nação, iam para o cavallo do marechal Hermes.

A Força Policial parece uma cousa, mas é outra. Ha ali preterições, injustiças, perseguições atrozes, franco nepotismo.

Ai do official que deixe perceber, ou demonstre suas opiniões opposicionistas! Foi até organisada a delação contra os civilistas, que ali dentro são a quasi totalidade.

Para mostrar o quanto são odiados o Sr. Pinheiro Machado e seu logar-tenente, basta um facto: O regimento formara uma tarde. Eu estava na janella de minha prisão. O commandante Jorge Cavalcanti convidou os officiaes, sargentos e soldados para o acompanharem nos vivas que ia erguer e gritou a larges pulmões: — Viva o marechal Hermes! «Vivôôô», responderam-lhe apenas dez ou doze vozes. Eram vivas arrastados, em tom de troça e erguidos aqui, ali e acolá. Estavam presentes, entretanto, algumas centenas de homens.

Passei o meu tempo a ler e estudar. Tornei-me um convencido parlamentarista. Vi que só esse regimen poderá livrar-nos dos Hermes e Pinheiros. A salvação da Republica depende dessa reforma politica.

Com o presidencialismo, só poderemos ter a dictadura immoral, cynica, despudorada, que agora nos infelicita com esse ignobil quatriennio governamental, onde se sobrelevam as figuras satanicas e odientas, dos Srs. José Gomes Pinheiro Machado e Hermes Rodrigues da Fonseca, nomes sobre os quaes pesa e pesará sempre a maldição nacional, e cuja acção deleteria se tornou emula da dos tyrannos da Roma apodrecida.

A suspensão das garantias

— Ué! Bem se vê que isto é obra do Ruy! Não resistiu á insignificancia de oito mezes!...

Aspectos da secretaria do Interior sob o dominio do provinciano genio Herculano

O sitio exerceu tambem a sua influencia poderosa no ministerio do largo do Rocio. O Sr. Herculano de Freitas, que hoje, felizmente, ninguem o leva a serio, entrou para o governo poucos mezes antes da decretação do sitio, vindo de S. Paulo, onde exercia a advocacia e o jornalismo e leccionava na Faculdade de Direito. S. Ex. chegou, visitou o Rio e o chefe do P. R. C., e quiz vencer logo, illudindo a opinião publica com as promessas que fez ao assumir a pasta do Interior. S. Ex. vinha, a chamado, servir os interesses da patria e não do governo... Vinha fazer uma administração criteriosa, continuar o programma do seu antecessor, apenas, exercer a verdadeira democracia.

Dias depois, quando já o Sr. Herculano se havia familiarisado com o pessoal da secretaria, quiz conhecer os "reporters" que trabalhavam junto á sua secretaria. Em conversa com elles, S. Ex. deitou o verbo.

Falava bem e com eloquencia. Indagou da vida de imprensa, recordou o tempo em que dirigia o "Correio Paulistano", referiu-se á sua attitude com o governo que o chamara, fazendo sentir á reportagem que ali estava mais por patriotismo que por amor aos ven-

Um bom retrato do Sr. Herculano de Freitas

cimentos de secretario de Estado.

E assim, desfrutando a vida, o Sr. Herculano convencera-se de que tinha organisado, com a sua labia, a sympathia não da imprensa governista, mas da imprensa honesta e independente.

Corriam os dias. A secretaria do Interior não soffrera modificações. Apenas o gabinete ministerial contava não dous, como na gestão Rivadavia, mas cinco officiaes de gabinete, vencendo cada um 500$! O Sr. Herculano sentia-se bem. Tinha collocado já um filho, um afilhado e um filhote da politica paranaense.

Dous mezes depois, si não nos enganamos, arrebenta o incidente do Sr. Edwiges, então chefe de policia, com um delegado districtal. Apparece o officio "Olho da Rua", no qual o Sr. Herculano dava mão forte ao delegado em questão. Todos contavam com a saida do Sr. Edwiges, mas o Sr. Herculano submetteu-se á vontade do P. R. C. e ambos continuaram a "servir" á patria...

Dahi para cá o Sr. Herculano de Freitas começou a perder a compostura e a linha.

S. Ex., ao que se dizia, "resolvera" mudar de attitude, atirando ás ortigas a falsa seriedade de que vinha coberto, até então.

Contam mesmo seus intimos que o Sr. Herculano dissera:

— Não vale a pena indispor-me com o governo. Tenho filhos e afilhados para collocar; demais é questão de anno e meio, devo aproveitar...

Effectivamente o "notavel" professor de direito tomára outra orientação. S. Ex. convencera-se de que devia encher lingüiça e tirar partido da sua situação.

Familia numerosa, gostando á larga, querendo dar expansão á sua bohemia para fazer jús aos seus caprichos, precisava adaptar-se ao meio e em pouco tempo, o "talento provinciano" do Sr. Herculano modernisou-se, passou a homem da época.

Toda "chantage" politica e administrativa recebeu a sua approvação.

Os acontecimentos da politica foram se desenrolando até que o governo se viu na triste contingencia do sitio, como meio de salvação.

O que se passou neste paiz durante os longos mezes do sitio vae narrado em outro logar. Aqui ficam apenas registados os factos mais importantes que se deram na pasta dirigida pelo Sr. Herculano, no correr daquelle periodo anormal.

Decretado o estado de sitio o campo de acção tornou-se mais vasto. O Sr. Herculano dizia a todo o momento:

— Agora estou como quero. Posso agir á vontade. A imprensa amordaçada, dinheiro não me falta, etc. etc.

E o Sr. Herculano entrou a agir... Foi todo um periodo de arranjos e sobresaltos.

Os rapazes da imprensa viviam constantemente ameaçados. O regimen do terror imperava no Ministerio da Justiça, onde era exercida uma fiscalisação rigorosa que tinha a chefia do seu assistente militar, o "capanga-mór" de S. Ex. e seu companheiro de pandegas.

Os outros officiaes do ministerio, notadamente os da Brigada Policial, trabalhavam dia e noite: um ficava á disposição da familia Herculano de Freitas, a serviço particular, outro ás ordens do pessoal do gabinete e outro a serviço nocturno do ministro e seu assistente.

Emquanto isto se passava e attendia os interesses da politica S. Ex. ia procurando servir a politica dominante, ia collocando seus parentes mais proximos e afilhados, infringindo regulamentos e preterindo merecimento e antiguidade.

Assim foi que S. Ex. nomeou o director de seu gabinete, director geral da secretaria, sem nenhum direito, com desconhecimento de todo o pessoal da secretaria, onde existiam funccionarios de merecimento e muito mais antiguidade.

O concurso havido, não ha muito, no ministerio, foi eivado de falhas. Classificados, por condescendencia, revelando completo desconhecimento, os terceiros officiaes nomeados viram-se guindados a estes cargos por ser um delles official de gabinete de S. Ex.; o segundo, genro ou futuro genro de um deputado governista e o terceiro afilhado tambem de um conhecido paredro.

Por essa época o gabinete ministerial tinha feito uma "bella requisição".

Ahi dera entrada, como auxiliar, um politico "eminente", vindo do Estado do Rio, deputado estadual á Assembléa Legislativa Fluminense, que passára para as fileiras do ex-prefeito de Nictheroy e que por esse motivo fôra recompensado pelo governo federal com aquelle cargo. Iniciado o seu "trabalho" no gabinete o novo auxiliar, em pouco tempo, conseguiu captar a antipathia de seus collegas e tornou-se o "cabula" do gabinete. Entra no concurso, é inhabilitado, dando provas da sua incompetencia, da sua pouca habilidade, não logrando nem ao menos o ultimo logar da classificação.

Curioso!...

Vem depois a nomeação do Sr. Antonio Pinheiro Machado para o logar de escrivão.

E por ultimo as nomeações do genro e dos filhos de S. Ex.

O genro nomeado procurador criminal da Republica; o filho mais velho, diplomata, e o outro funccionario da secção de engenharia da Saude Publica; todos tres sem nenhum requisito para exercer essas funcções.

E ahi está o destaque que o Sr. Herculano de Freitas emprestou á sua gestão, a qual não lhe proporcionou o que mais S. Ex. desejava: abrir vaga no Supremo Tribunal Federal e ser nomeado ministro, como recompensa aos "serviços valiosos e relevantes" que S. Ex. prestou ao governo que termina o seu mandato a 15 de novembro proximo. Mas ainda ha 15 dias e S. Ex. espera...

O fantastico escandalo dos terrenos do Pavilhão

Conhecem os leitores, pelo que opportunamente publicámos, em que consistiu o escandalo dos terrenos do Pavilhão Internacional. Este e outros jornaes, que delle conseguiram tratar em pleno estado de sitio, tiveram de attribuir vagamente ao Sr. ministro da Viação a autoria desse colossal attentado; mas a verdade é que o Sr. Barbosa Gonçalves apenas se prestou servilmente a realisal-o, obedecendo ás ordens do marechal.

O Sr. Dr. Jeronymo Monteiro

Foi effectivamente o nefasto dictador, que a fatalidade ergueu ao poder, quem ordenou a escandalosissima concessão. Foi ao marechal que o Sr. Bethencourt Filho recorreu, apadrinhado pelo Sr. Moura Brasil. O marechal não podia negar ao seu compadre um favor, mesmo que esse favor fosse a doação de um proprio nacional. Si o Sr. Moura Brasil quizesse o Corcovado, ou a Alfandega, ou o Cáes do Porto, teria-os. O Sr. Hermes, inconsciente, não lh'os saberia recusar.

Depois — estavamos em estado de sitio. O Sr. Bethencourt soube aproveitar-se dessa circumstancia e levou a cabo o seu negocio, a que esta folha se oppoz, dentro do que lhe permittia a censura policial.

O Sr. Dr. Americo Ludolf

O Sr. Dr. Del Vecchio, inspector dos portos, recebendo ordem para assignar o termo pelo qual se fazia a doação, recusou-se, mandando ouvir a respeito os procuradores da Fazenda. Estes, em parecer que logrou a maior publicidade, deram opinião radicalmente contraria ao acto projectado. Mas o ineffavel dictador bateu o pé.

— Quero que se faça! Sou ou não sou o presidente da Republica?

E fez-se. A 23 de julho, o Sr. ministro da Viação mandava para o palacio do Cattete o livro de termos; e foi ahi que a illegal concessão recebeu a assignatura ministerial e a do Sr. Moura Brasil.

Esse escandalo é, relativamente, muito mais grave do que o das pedras, do que todos os grandes escandalos que se têm consummado durante esta malfadada Republica. Para justifical-o não ha um argumento — um só! — em texto algum de leis, recente ou antiga. Ao contrario, o governo do dictador tem contra si todas as disposições das leis que se relacionam com questões dessa ordem. A concessão representa simplesmente um crime, que o marechal praticou com a sua habitual inconsciencia.

Agora só nos resta a esperança de que o governo promova a annullação dessa colossal patifaria.

Para maior clareza aqui reproduzimos o parecer dos procuradores da Fazenda:

«Parecer:

A União Federal, por não ter reconhecido caso algum de «força maior» que relevasse a Sociedade Propagadora das Bellas Artes da obrigação assumida na escriptura publica de 25 de outubro de 1904 e em consequencia da mesma escriptura, emmittiu-se na posse judicial do terreno questionado, e que é um «proprio nacional».

Ainda por «immittida judicialmente na posse do terreno», a União Federal por seu representante «requereu em Juizo o despejo» de Paschoal Segreto, «occupante do terreno e realizou-se o despejo por ordem judicial».

Assim, si hoje a mesma União Federal vier a reconhecer que «não teve razão em se emmittir naquella posse judicial» por ter havido em favor da Sociedade Propagadora das Bellas Artes a «força maior» por essa mesma Sociedade allegada, caberá inquestionavelmente a P. Segreto o direito de uma pesadissima indemnisação a ser paga pela União Federal, como consequencia de um despejo promovido pela mesma União Federal, sob o falso fundamento de inexistencia de força maior em favor da Sociedade Propagadora das Bellas Artes.

Ora, parece-nos fóra de duvida que ao Ministerio da Viação e Obras Publicas escapa a attribuição de confessar um tão grande encargo, uma tão elevada indemnisação em detrimento do Thesouro Nacional.

Parece-nos, outrosim, inquestionavel que o novo ajuste a se fazer com a Sociedade Propagadora das Bellas Artes só poderá ser mediante autorisação do Congresso Nacional, porquanto tal ajuste importa «alienação a titulo gratuito» de um «proprio nacional» e ao Poder Executivo não cabe sem autorisação legislativa a attribuição de alienar qualquer immovel de propriedade da União Federal.

Somos assim de parecer que no assumpto, e para ser cumprido o despacho do Exmo. Sr. ministro, urge que préviamente se obtenha a imprescindivel autorisação do Congresso Nacional.

São esses os motivos pelos quaes não nos é licito lavrar a minuta do termo a ser assignado de accordo com o despacho do Exmo. Sr. ministro da Viação e Obras Publicas, mesmo porque essa concessão envolveria responsabilidade nossa e de quantos a praticassem.

Rio, 16 de julho de 1914. (Assignado) — Jeronymo Monteiro, Americo Ludolf.»

Pois esse crime foi praticado e os seus autores ficarão impunes!

Como o Dr. Frota Pessôa conseguiu escapar da policia

— Na manhã de 5 de março saí de casa ás 9 horas, ainda ignorando o sitio, de que fui informado pelo primeiro jornal que comprei.

Estive ás 10 horas no Cabo Submarino e ás 11 na Prefeitura. Dahi recebi um chamado urgente ao meio dia e tive então o primeiro aviso de que havia ordem de prisão contra mim.

Não obstante, ainda voltei á Prefeitura ás 14 horas, tendo passado antes pelo Cabo e pelo Telegrapho Nacional, onde expedi alguns telegrammas. Nessa occasião communiquei ao Dr. director da Instrucção que eu estava a ponto de ser preso e aguardei os acontecimentos até ás 15 horas. Pouco antes, fui chamado ao telephone e um sujeito me pediu que o esperasse, pois tinha uns papeis a me entregar, da parte da redacção da «A Epoca». Conheci que era um «secreta». Quinze minutos depois, saí, dirigindo-me a meu escriptorio, onde me demorei cerca de vinte minutos.

Já então toda a gente me avisava de que eu estava sendo procurado activamente.

A's 15 e meia encontrei-me com alguns amigos que me aconselharam a me occultar. Relutei um pouco, mas elles me objectaram que meus inimigos eram homens capazes de tudo, e que não era só a prisão, que eu me arriscava, tendo que ficar á mercê dos Pinheiros e Cavalcantis.

Concordei e tomando um automovel na avenida Rio Branco, fui para a casa de um amigo, onde permaneci alguns dias.

Sómente no dia 10 retirei-me da capital. Sai de automovel aberto, ás 18 e meia, e, passando pelo centro da cidade, fui ter a um suburbio, onde pernoitei. No dia seguinte, a cavallo, alcancei uma estação da Central, no Estado do Rio e dahi, em duas viagens successivas, cheguei ao ponto do meu destino á noite, pelos trens da Central.

Emquanto isto, a policia me procurava. Mal eu saía da Prefeitura, agentes a invadiram e fizeram uma busca rigorosa em todo o edificio, mandando abrir as dependencias, onde o expediente já havia sido encerrado. Tambem no meu escriptorio, só esperaram que eu me retirasse, para apparecer.

Na minha residencia, em Copacabana, o cerco começou ás 15 horas de 5. Um automovel, cheio de agentes, lá foi ter a essa hora. Os creados foram interrogados sem successo. Minha mulher havia saido. Voltaram ás 17 e meia e se postaram na frente e no fundo da casa, espreitando o meu regresso. Na esquina da rua parece que outros se achavam. E começaram a chegar recados, cartas e chamados ao telephone da venda proxima.

Os portadores se succediam e todos me queriam fallar pessoalmente. Esse expediente, que bem caracterisa a estupidez da policia, continuou no dia seguinte.

No dia 6, ás 15 horas, lá appareceu o delegado Seabra, filho desse ardoroso Seabra, governador da Bahia, que, ao lado de Franco, pelejara contra o caudilho, e, cheio de

O Sr. Dr. Frota Pessôa

sufficiencia, declarou á minha mulher que ia buscar uma pessoa que sabia estar em casa.

Minha mulher disse que sim, que podia entrar e levar a pessoa.

E continuou a brincar com os filhos, buscando distrahil-os da minha ausencia, já percebida e estranhada.

Ahi o Seabrinha embatucou. Os agentes lhe haviam afirmado que eu estava em casa e elle viera soffrego, para conquistar as graças dos patrões, com uma façanha heroica.

Penetrou em alguns aposentos, rebuscou atrás de mesas, portas, interrogou a ama da minha filhinha e saiu meio desencadernado, insistindo então minha mulher para que elle fizesse uma busca minuciosa e definitiva, afim de lhe evitar novos incommodos e sobretudo o repugnante contacto de certos individuos, que, desde a vespera, não lhe deixavam a porta, a importunal-a com recados e perguntas imbecis. O delegado escusou-se, allegando que não havia autorisado taes expedientes; mas um official de policia, que o acompanhava, pernostico e bobo, suggeriu que o melhor era que eu me apresentasse, visto como o Dr. delegado, ali presente, tinha compromisso com o Dr. chefe, de me levar preso e que tudo se resolveria em simples explicações, etc.

Ficou assim clarissimo que eu estava foragido e que não voltaria á casa, de onde me ausentara na vespera pela manhã.

Nessa mesma noite, ás 2 horas, a casa foi abalada com o fragor de pancadas ás portas.

Minha mulher se achava acompanhada apenas pelos tres filhos, de 6, 4 e 2 annos, e por auxiliares do serviço domestico. Despertando com o ruido, vestiu-se apressadamente e, chegando á janella do sobrado, verificou que o jardim e o quintal da casa, estavam repletos de «secretas», que a intimaram a abrir. Todos empunhavam grossos cacetes e davam a impressão arripiante de persevejos.

A casa foi franqueada. O batalhão se postou em posição estrategica, guardando a entrada e os fundos, tomando todas as saidas, como numa caçada a uma fera.

Dous ou tres entraram e realisaram a busca.

Depois de varejarem todos os aposentos, os mais intimos, appelaram para os esconderijos menos provaveis: abriram os armarios, sacudiram as cestas de roupa servida, puzeram-se de gatinhas debaixo das camas das creadas, afocinharam nas malas e até removeram uma maleta, em que eu só podia caber dobrado em quatro; foram ao gallinheiro e á privada, e, por fim, esgueiraram-se de rojo, no porão de meio metro de altura, onde se refugiam os gatos e de onde sairam besuntados de graxa e borrifados de carvão e pó.

Essa brutal violação do meu domicilio, a tal hora, teve o merito unico de affligir e humilhar minha familia, porque era evidente que desde a ante-vespera eu me havia escapado e não iria, naturalmente, naquella madrugada de 7 voltar á casa.

Demais, a policia que, desde 5, trouxera a minha casa constantemente sitiada e que já a havia visitado, sabia certissimamente que eu não regressara a ella. E é bem claro que a diligencia não ficaria frustrada, si cercada a casa pela madrugada, a busca se realisasse pela manhã.

Ainda no dia seguinte voltou o chefe da malta e tentou se informar do meu paradeiro. A casa continuou vigiada, sendo seguidas todas as pessoas que iam em visita á minha familia.

A residencia de minha mãe, na Fabrica das Chitas, foi tambem varejada, bem como a de uma minha irmã casada, residente no mesmo bairro. Minha mãe é uma senhora de mais de setenta annos e mora com minhas irmãs solteiras. Os beleguins ahi procuraram aterrar, aconselhando a que me apresentasse, porque eu seria inevitavelmente preso naquelle mesmo dia e então soffreria as consequencias.

Eis o que lhe posso narrar, desde que julga que isso póde interessar aos seus leitores.

O que foi a celebre reunião do Club Militar, segundo o Sr. coronel Coriolano

— A sessão do Club — disse-nos o Sr. coronel Coriolano — foi concorridissima. Nella tomaram parte mais de 400 officiaes do Exercito, desde o mais graduado até o aspirante. O que se passou nessa reunião difficil é de descrever, dada a enorme agitação que reinou de principio ao fim. Apenas um facto gravissimo tenho a denunciar, infelizmente.

Na occasião em que mais intensa era a agitação entre os officiaes presentes, um official, procurando um dos empregados do

O Sr. coronel Coriolano de Carvalho

Club, pediu-lhe que lhe indicasse o logar onde se achava o registo de illuminação electrica. Esse empregado, negou-se formalmente ao seu pedido. Apezar disso, o referido official procurou descobrir o registo da illuminação, sem que o pudesse encontrar.

Affirmava-se depois nas rodas militares que esse official pretendia deixar o salão do Club Militar ás escuras, afim de que nelle entrassem francamente os sicarios conhecidos da policia, que já a essa hora se achavam postados em frente do edificio da sociedade, devidamente preparados para, na occasião opportuna, invadir o club e sacrificar a vida dos officiaes mais conhecidos como hostis ao governo. Para honra do nosso Exercito, esse official não pertence ao quadro effectivo dos generaes.

O empregado do Club, a quem esse official pedira informações sobre o logar do registo, assim que se viu sózinho, tratou de levar o caso ao conhecimento de alguns membros da directoria, procurando assim salvar a sua responsabilidade.

— Quando foi preso V. S.?

— Na madrugada de 5 de março, fui procurado na minha residencia pelo coronel Abilio de Noronha, commandante do 3.º regimento de infantaria o qual me deu voz de prisão em nome do Sr. ministro da Guerra, convidando-me a acompanhal-o ao estado-maior do quartel do seu regimento. Attendendo á intimação que me acabava de ser feita, dirigi-me ao quartel do 3.º regimento de infantaria e ahi fiquei detido até o dia 22, quando, devidamente escoltado pelo coronel Noronha Aché, fui conduzido para bordo do «Itapuhy», com destino ao Rio Grande do Sul, onde vou assumir o commando do meu batalhão, em Taquary. A principio a ordem que me foi transmittida pelo Ministerio da Guerra era para que a minha prisão fosse mantida até o ponto de destino; mas, na vespera do meu embarque, essa ordem foi relaxada.

— E sobre o incidente com o major Paulo de Oliveira, que nos diz?

— Esse official estava preso, como sabe, na fortaleza de São João, em companhia dos generaes Thaumaturgo de Azevedo e Feliciano de Moraes, tendo sido objecto de particular attenção do governo por factos que não vêm a proposito referir e por ter, em conversa com o coronel Rego Barros, commandante daquella fortaleza, declarado positivamente que não embarcaria preso, porque o estado de sitio não podia prolongar-se até a bordo do vapor que o devia conduzir. O coronel Rego Barros respondeu-lhe que elle embarcaria á força. Esta declaração motivou entre os dous officiaes uma altercação violentissima, chegando a ser trocados entre ambos pesados insultos. E como esse facto se passou deante da officialidade da fortaleza, esta, comprehendendo a gravidade do momento, accordou em não cumprir as ordens do governo, caso a violencia de que fallava o coronel Rego Barros, fosse consummada, ou siquer tentada.

Era esta a disposição da officialidade da fortaleza, quando foi ordenado o embarque do major Paulo de Oliveira. Na vespera do embarque, esse official recebeu uma carta de alto personagem, aconselhando-o a que embarcasse no dia seguinte, afim de não dar logar a mais violencias por parte do governo federal. A' vista disso o major Paulo resolveu embarcar, sendo acompanhado até bordo por toda a officialidade da fortaleza, revestindo-se esse acto de uma significação especial.

O major Paulo atravessou todas as dependencias da fortaleza por entre alas de inferiores.

Depois do embarque do major Paulo, cada official da fortaleza apresentou ao commandante Rego Barros um requerimento pedindo a sua transferencia, o que prova que a attitude do commandante o tornou incompativel com os demais officiaes.

Terminando, diz o Sr. coronel Coriolano, de Carvalho:

— Os factos que venho de narrar são hoje do dominio da guarnição, e tal é o estado dos espiritos, que uma alta patente do Exercito, com responsabilidade de um commando importante, procurou alguem e scientificou-lhe que, a ser verdadeiro o boato corrente de se pretender castigar com transferencias os officiaes que mais saliente papel tiveram na agitação do Club Militar, em defesa dos 28 officiaes da guarnição de Fortaleza, signatarios do telegramma dirigido ao Club Militar, não se responsabilisaria pelo que, posteriormente, viesse a acontecer. Este aviso fez com que as transferencias annunciadas fossem suspensas.

O sitio e o humorismo...

Como foi preso o Sr. Leal de Souza, da "Careta"

Um dos perseguidos pela policia foi o nosso collega Leal de Souza, o brilhante redactor da «Careta». Leal de Souza tinha contra si... o que tinham todos os jornalistas que soffreram a prisão ou della souberam escapar. Considerado pelo governo perigosissimo á ordem publica, capaz de revolucionar duas ou tres vezes o paiz e ainda ter tempo de sublevar outros paizes visinhos, o distincto poeta teve de ser preso. A noticia desse acto da policia causou sensação, mesmo em estado de sitio, ou, talvez, por isso mesmo.

— Eu estava muito pouco desconfiado de que me quizessem prender. Posso mesmo affirmar que não tinha desconfiança alguma. No dia 5 de março, quando saia da redacção da «Careta», onde tambem resido, um delegado me convidou, em nome do presidente da Republica, a comparecer na Chefatura de Policia. Em nome do presidente da Republica, nem mais, nem menos... Fui, como é natural e gentil. Levaram-me para uma sala, onde já se achavam alguns outros presos politicos, entre os quaes os Srs. Jorge Schmidt, Macedo Soares e Vicente Piragibe. Como presos politicos, egualmente ahi estavam os Srs. tenente Plinio de Carvalho e um pobre sexagenario, accusado do horrivel crime de ter feito umas referencias, em conversa intima, ao marechal Hermes. Mais tarde, chegavam tambem presos os Srs. Pinto da Rocha e Marques da Sylva e um droguista portuguez, accusado de ter facilitado uma primeira evasão do Sr. Pinto da Rocha. Alguns desses presos foram postos em liberdade nesse dia mesmo. Outros, como eu, tiveram de fazer um pequeno passeio.

— Um pequeno passeio?

— Sim, porque o grande passeio, que se pretendia infligir aos presos politicos, não chegou a realisar-se. Não fomos até ao Acre, como alguns desejavam; fomos fazer uma viagem... sem sair do porto. Fomos para bordo de navios de guerra. Eis como se passaram as cousas. A's 10 horas da noite começámos a sair isoladamente da Chefatura de Policia. Encontrei-me ás 11, no quartel da Brigada Policial, com os Srs. Macedo Soares, Vicente Piragibe, Schmidt e Caio Monteiro de Barros. Fomos recebidos gentilmente pelo então coronel Pessoa, que nos deu alojamento commum. Uma hora depois, com surpresa geral, tomavamos outro rumo. Foi um momento solemne. Um official generoso pediu: «Não se impressionem. Com certeza não lhes fazem mal.» Atravessámos o pateo do quartel, onde os soldados, deitados por terra, descançavam ao alcance das armas ensarilhadas; entrámos em automoveis e fomos para o Arsenal de Marinha. Logo que ahi chegámos, embarcámos em uma lancha, guarnecida por marinheiros, e, entregues ao commandante Tancredo Burlamaqui, singrámos, sob a paz de um céo estrellado, as aguas calmas da Guanabara. Encostámos em um navio de regular volume. Creio que era o «Carlos Gomes». O commandante Tancredo subiu a confabulações, de que não tivemos conhecimento, desceu e continuámos a marcha até encostarmos noutro navio. Recebi ordem de transportar-me para elle. Obedeci. A lancha, com os meus companheiros, desappareceu na noite.

— Como foi recebido a bordo?

— Bem, muito bem. A bordo reinava escuridão completa. Alguem, que não consegui ver, por causa da treva, disse: «Veja o que é o susto. Por que o Hermes está com medo, anda o senhor viajando a estas horas, e eu tambem...» O official de serviço no «destroyer» «Rio Grande do Norte» era o 1º tenente Delamare. Convidou-me a descer por um tubo de ferro que eu não sabia si me conduzia ao porão, mas que me encaminhou para a praça d'armas, onde travei conhecimento com a educada gentileza dos nossos officiaes. Dos oito dias que passei a bordo, trago a lembrança de uma curta viagem que tivesse feito ao mesmo logar, na companhia da polidez e da illustração.

— Eram muito hermistas esses officiaes?

— Si entre elles havia algum hermista, era tão gentil, que não demonstrava.

— Esteve preso mais tarde noutro logar?

— Sim, uma tarde, ás 6 horas, saí do «Rio Grande do Norte», numa lancha dirigida pelo tenente Cockrane e que, atracando aos outros torpedeiros, recebeu os outros presos. O tenente [illegible] queria que nos falassemos. Quando um descia para a lancha, os outros erguiam-se e, mudos, abraçavam-n'o. Era tocante. Quando o tenente subia para o «destroyer» ficavamos entregues aos marinheiros, um dos quaes, numa dessas occasiões, disse-nos: «Si os senhores quizerem communicar-se com alguem em terra, escrevam. Nós entregaremos...

— E' significativo!

Não se podia tocar tambem na lei organica!

Si os leitores querem ter a medida do rigor, muitas vezes excessivo, com que os delegados exerciam a censura, leiam este inoffensivo «éco», que caiu no index, e foi conservado até hoje, como reliquia:

Fez tres annos de idade hontem a galante menina que recebeu na pia baptismal o nome de "Lei Organica do Ensino Superior e do Fundamental na Republica". Seu pai, o actual ministro da Fazenda, recebeu cumprimentos dos admiradores e amigos. Varios directores de faculdades de Sobrado, em companhia de Doutores de Sessenta-mil-réis e Bachareis de Meia-Pataca, foram, incorporados, levar um ramilhete á gentil menina. Passaram, entretanto, os manifestantes pela decepção de encontrar a creança gravemente enferma, victima de um accidente lamentavel: — um engasgo. A creaturinha, por uma inadvertencia de seus tutores, engoliu ha dias um aviso dirigido ao presidente do Conselho de Ensino, recommendando a fiscalisação de todos os institutos de ensino, particulares ou não — para o effeito do registro de diplomas. O aviso ficou-lhe entravado na garganta e está asphyxiando a menina, apezar de todo o oleo de desmentidos com que seus tutores actuaes — o ministro do Interior e o presidente do Conselho, procuram tornal-o innocuo. A situação é afflictissima. A innocente menina, com o susto do engasgo, deixou cair ao chão a sua encantadora boneca, denominada "Liberdade Profissional", que ficou espatifada.

Os manifestantes retiraram-se desolados.

Um genio de provincia...

O Sr. Herculano de Freitas imparcialmente julgado

As razões da perseguição á A NOITE

Algumas pessoas estranharam o acirramento com que o governo do dictador perseguiu esta folha. Além das culpas que, em geral, cabiam a toda a imprensa independente, tinhamos contra nós a ojeriza, que muito nos honra, desse cavalheiro que desempenhou as funcções de ministro da justiça ao sabor do seu partido e dos caprichos marechalicios. E essa malquerença nasceu do modo por que julgamos o caricato estadista de Santo Amaro em um dos nossos «ecos» publicados no dia 4 de março.

Como desse juizo sobre a mentalidade do Sr. Uladislão não temos que retirar uma palavra, vamos reproduzil-o integralmente:

«Os genios de provincia...

O Sr. Herculano de Freitas não se póde gabar de ter ha muito tempo um nome popular no Rio; em compensação, porém, S. Ex., era para os seus conterraneos de S. Paulo, assim uma especie de Ruy Barbosa-mirim. Quando na Paulicéa se fallava em homens de talento era fatal ouvir-se:

— Nós aqui temos um talento de primeira agua: o Herculano. E' pena que elle seja tão bohemio...

Mas, quando os curiosos mostravam desejos de ler qualquer cousa desse formidavel genio, alguma obra ou mesmo folheto, discursos, artigos, qualquer producto, em fim de tão invejavel talento e tão vasta illustração, dizia-se-lhe:

— Não tem escripto nada para ficar. E é pena! E' um bohemio, um desorganisado, um gosador. Mas póde ficar sabendo: é um genio. Talvez não esteja muito longe do Ruy.

E era essa a situação do Sr. Herculano. E como era considerado um dos mais brilhantes talentos da sua época, não lhe faltaram nunca posições que em geral se confiam aos homens de reconhecido valor. Lente da Faculdade, deputado, senador, «leader» da Camara, «leader» do Senado, redactor-chefe do orgão do partido, o Sr. Herculano foi tudo isto e muitas cousas mais, sempre cercado da admiração geral.

Quando o Sr. Glycerio se separou do seu partido, deslumbrado pelos meritos de estadista do marechal Hermes, o Sr. Herculano acompanhou-o. Foi uma desolação nas rodas intellectuaes do partido, que consideravam essa perda irreparavel. Para elles o P. R. P. perdera o seu mais valioso elemento intellectual. Essa perda, porém, foi por pouco tempo.

Quando o Sr. Pinheiro para reconquistar S. Paulo teve que nomear um ministro paulista, a sua preferencia recaiu naturalmente sobre o Sr. Herculano, o prodigio do partido.

Os paulistas residentes no Rio exultaram; o seu patricio Herculano ia ser no Rio uma revelação sensacional. Considerado cavalheiro chegou mesmo a dizer aqui na redacção desta folha:

— Vocês ponham todo o ministerio em uma concha e na outra o Herculano; e verão que o ministro da Justiça pesa mais que todos os seus collegas reunidos!

A expectativa, como se vê, era formidavel. Mas o resultado dessa expectativa tem sido simplesmente desastroso. Até agora o Sr. ministro da Justiça só tem podido provar os seus talentos e habilidades nas celebres notas que o Sr. Pinheiro Machado lhe tem encommendado. Essas notas, porém, positivamente não honram a capacidade do ministro, nem como grammatico, nem como precisão, nem como estylo, nem como habilidade, e sobretudo, nem como exactidão dos seus conceitos. Tem sido um dessatre; desastre tão grande que, ao que parece, obrigou o Sr. Glycerio a vir ao Rio, precipitadamente.

Esses genios de provincia...»

A ULTIMA DELLE

— Que tatuagens são estas que você tem no peito?

— Foi meu pae quem as fez.

— Seu pae? (dirigindo-se ao sargento) escreva: illustrado com desenhos do autor".

O arrocho da censura

Um dos mais interessantes delegados que o Sr. Valladares destacou para o nosso jornal, julgou perigosissima para a ordem publica e prohibiu a inserção da seguinte noticia:

«A primeira nota politica, hoje, na Camara foi a declaração, repetida por todos os deputados paulistas, interpellados a respeito de uma publicação "autorisada", de um dos nossos matutinos, sobre as ultimas deliberações do P. R. C. e da orientação das bancadas do grande Estado no Congresso Nacional. Foi unanime a affirmação de que as deliberações da commissão executiva do P. R. C. foram tomadas de perfeito accordo com o presidente e o vice-presidente do Estado e de todos os seus congressistas, sem preponderancia ou discrepancia de um só voto.

Ao que relatou o Sr. Metello o Sr. Floriano de Brito, que já pretendeu tirar o senador Vasconcellos, affirmou a este que elle, Metello, em Roma, declarou ao Sr. Grossi ser o politico de maior prestigio nesta capital, acima do proprio senador Vasconcellos.

Deste attrito de palavras resultou a separação definitiva dos dois politicos.

Ainda com relação ao Districto Federal...

O deputado coronel Figueiredo Rocha, antes correligionario ardente da situação, solicitou aos deputados Moacyr e Mauricio de Lacerda que o contassem no numero dos que se alistam definitivamente na opposição. E disse: "quero assignar o requerimento de urgencia para se conhecer dos actos do governo durante o estado de sitio".

Esse requerimento, ao que affirmou o Sr. Moacyr, já contava 51 assignaturas.

A bancada pernambucana, com os Srs. Augusto do Amaral e Manoel Rocha á frente, apoiou, com apartes muito significativos e ardorosos, a oração do Sr. Mauricio de Lacerda.

A bancada mineira não se manifestou pró ou contra as palavras do orador, muito embora elle e os que o aparteavam se referissem por vezes á politica federal em Minas de modo a [illegible] ou contestações.

Da bancada [illegible], tambem, nem uma palavra de apoio ou contraria.

Quando, porém, o Sr. Mauricio de Lacerda terminou o seu discurso, foi cumprimentado e abraçado, entre outros, pelos Srs. Palmeira Ripper e José Bonifacio, que foram os primeiros a fazel-o.

Interpellado sobre a situação de Minas o Sr. Antonio Carlo declarou: "E' cedo para attitudes. Ainda não ha cousa alguma assentada. Nada publiquem..."

Quando o Sr. Mauricio fallava o Sr. Flores aparteou-o:

— V. Ex. é victima de sua logorrhéa!

O Sr. Mauricio replicou:

— Eu não frequento as pensões galantes...